

A CHAPELLEIDA

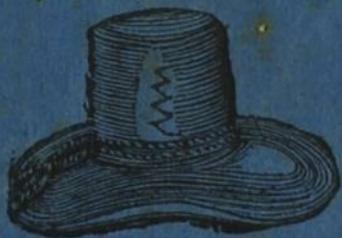
POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO

DIVIDIDO EM OITO ENCAPELLAÇÕES

POR ***

Os homens não só se immortalisão com os monumentos que levantão á sabedoria, mas tambem se immortalisão pelos que levantão á parvoice; e assim como ha heróes na virtude, igualmente os ha na asneira.

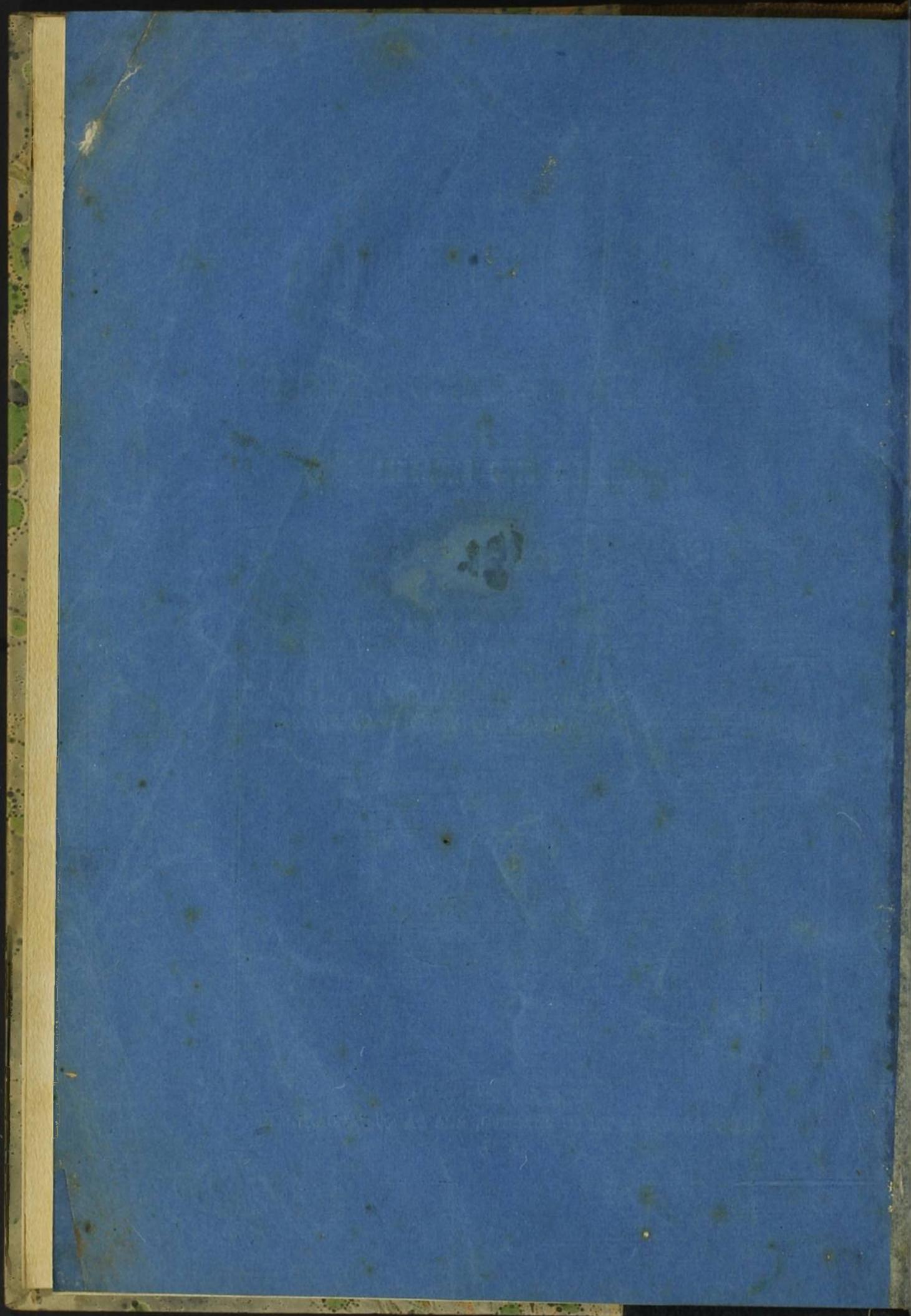
J. A. DE MACEDO. — *Os Burros.*



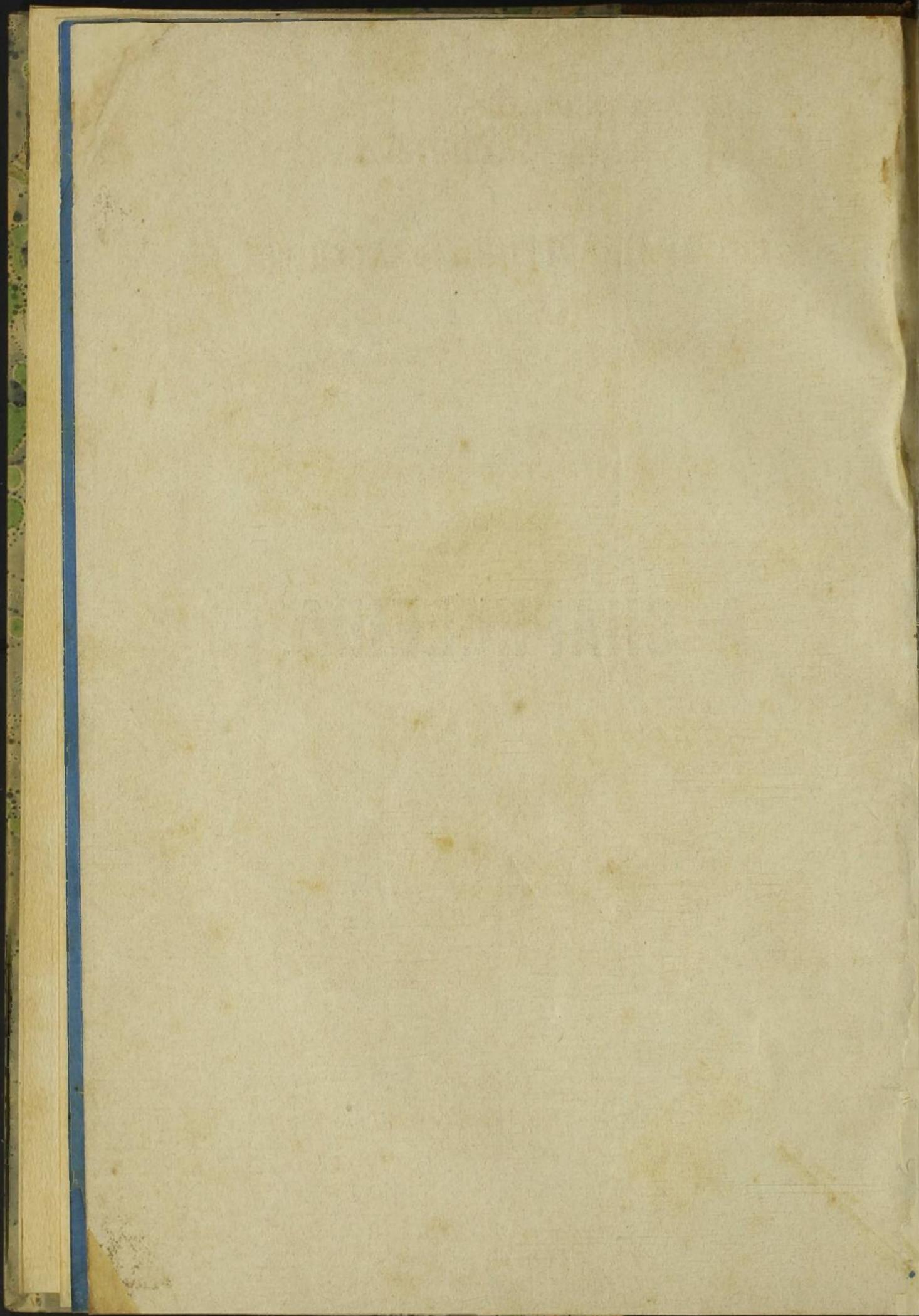
RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO, RUA DA QUITANDA N. 55.

1857.



A CHAPELLEIDA.



A CHAPELLEIDA

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO

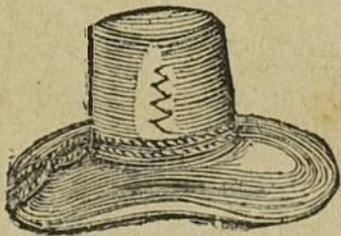
DIVIDIDO EM OITO ENCAPELLAÇÕES

POR * * *

Carlos Augusto de Sá

Os homens não só se immortalisão com os monumentos que levantão á sabedoria, mas tambem se immortalisão pelos que levantão á parvoice; e assim como ha heróes na virtude, igualmente os ha na asneira.

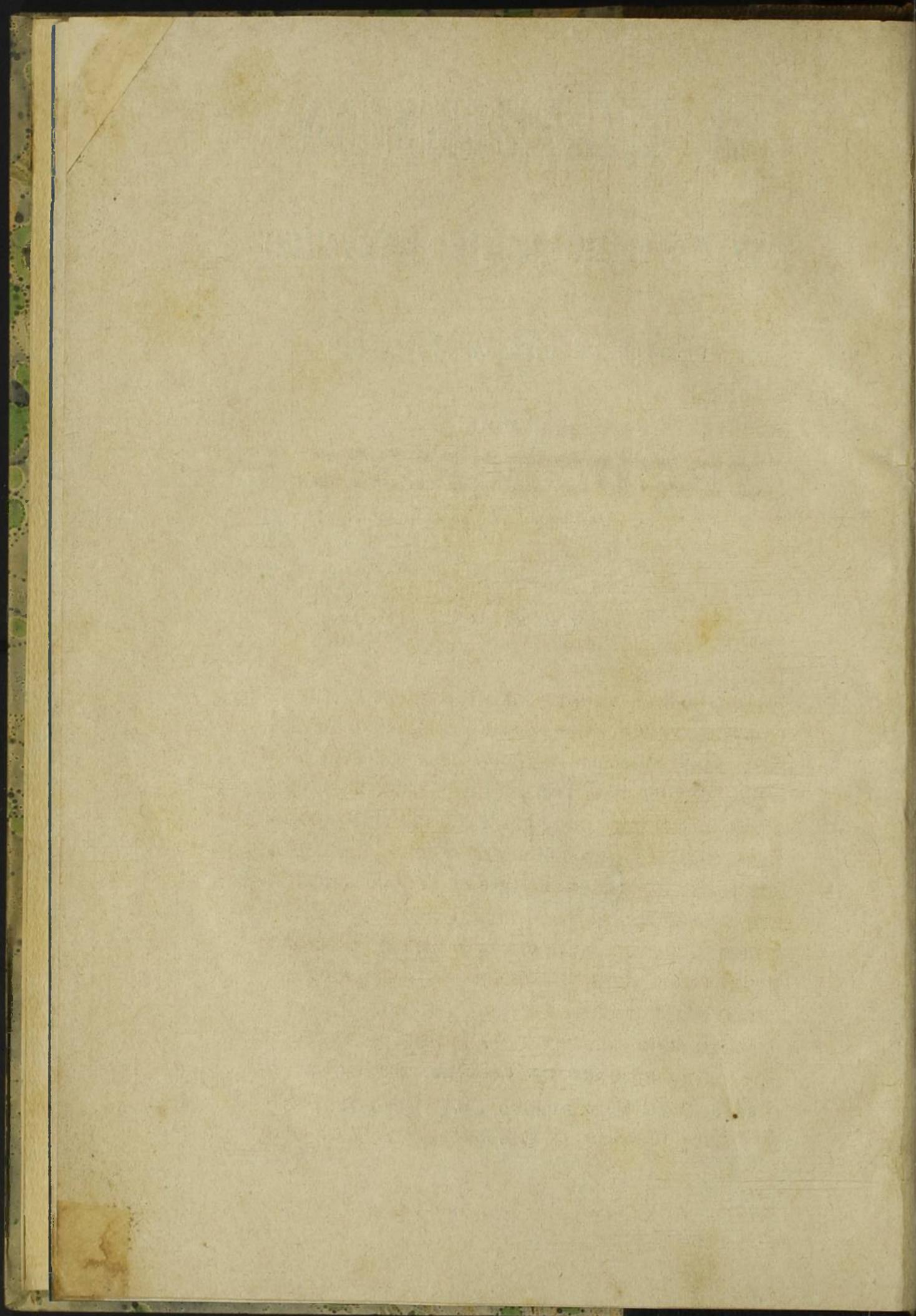
J. A. DE MACEDO. — *Os Burros.*



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO, RUA DA QUITANDA N. 55.

1957.



FRONTESPICIO.

Este poema, ou como lhe quizerem chamar, composto com o unico fim de celebrar a entidade mais burlesca, impertinente e desaforada que o Brasil tem visto, o hypocrita mais refinado, o pedante mais audaz, o charlatão mais feliz, não póde ser considerado como uma obra litteraria do genero daquellas para as quaes a arte prescreveu regras certas, estabeleceu principios invariaveis, de que o escriptor poeta não póde ainda hoje afastar-se sem incorrer na censura dos profissionaes.

Versejando ao correr da penna, sem dispor de tempo para as necessarias correcções, e mesmo para aproveitar os immensos recursos que lhe offerecia a famosa chronica do seu

heróe, o autor, ao emprehender esta composição, não consultou Horacio nem Boileau, nem outro qualquer mestre da materia.

A critica, portanto, não tem que entender com a *Chapelleida*, que não é mais do que um desabafo do brio ultrajado pelo cynismo; um grito de reprovação á espionagem a mais estúpida e revoltante; um protesto contra a prepotencia; um anathema fulminando pela honra á immoralidade; um brado de indignação emfim contra o homem sem prestigio, que, como autoridade, perdida de todo a força moral, não trepida jámais em lançar mão de torpes meios para acabrunhar, abater e espezinhar aquelles que o desprezarião se elle não fosse dotado de um coração tão máo.

« Assim como a justiça manda, diz José Agostinho de Macedo, que se dê o premio de louros a quem o merece pelas suas virtudes; tambem a mesma justiça quer que o orgulho, a presumpção, a altivez e a importunidade de tantos asnos, que emporcalhão os seculos e moem a paciencia do genero humano, sejam fustigados com a vergalhada da satyra; e que tanto os saiba detestar o seculo futuro, quanto os aborrece e abomina o seculo presente. »

Seguindo esta mesma opinião, o rabiscador destes versos, profundamente revoltado com os actos de um hypocrita, que parece não saber mais que desmoralisar e martyrisar os infelizes que lhe cahem debaixo do ferreo sceptro, procurou e conseguiu, sem se importar com as regras da arte, satisfazer os preceitos da justiça.

Disto está mais que muito convencido desde que deu principio á tarefa de fustigar com a vergalhada da satyra o mandão que, collocado por acaso em uma posição eminente, só vê abaixo de si pygmeus a que julga poder esmagar impunemente, visto que a *Chapelleida* foi acolhida com viva e geral satisfação.

E pois, bom ou máo o juizo dos criticos a respeito do poema, como obra litteraria, não augmenta nem diminue a importancia que elle tem como invectiva da intelligencia contra a ignorancia pretenciosa, como protesto vehemente contra o arbitrio e a impudencia.

Quanto ao juizo dos *encapellados*, o autor o despreza inteiramente: quando não por suspeito, por partir de miseraveis a quem o homem de bem não póde nem deve prestar attenção.

Quer o classifiquem como *pasquim*, *libello infamatorio*, ou como bem lhes aprouver, nem por isso se arrependerá nunca o autor dos muitos sacrificios que faz por uma classe, que seria respeitada como já foi, que estaria no gozo de suas garantias, que seria forte, se não contasse infelizmente um numero tão avultado de mariolas, de aduladores e de intrigantes!

Dirão talvez alguns que o principio de autoridade é aqui atacado virulentamente: e que importa isso? Desde que uma autoridade procede mal; desde que, olvidando o respeito que deve a si proprio, encarrega-se de representar o papel de sevandija; desde que por seus actos cobre-se de ridículo, chamando ao mesmo tempo sobre si a execração dos subditos, perde o direito

ao respeito delles, e merece ser punido publicamente. Sim; porque o principio da autoridade não exige nem póde exigir que o subalterno occulte os sentimentos de honestidade ante um chefe corruptor; que se humilhe ao capricho; que roje no chão a fronte para alcançar um mais elevado posto; que cerre os ouvidos á voz do pundonor para poder escutar impassivel, com olhos baixos, as insolencias, as arrieiradas, os insultos do poder; não póde exigir que o subalterno se avilte ao ponto de confundir-se com o misero escravo que amolga o pensamento á logica do azorrague, ou com o bruto fraldiqueiro, para o qual é uma ordem positiva o aceno de seu dono. Seria exigir uma infamia!!... e em todos os tempos, em todos os logares, o homem infame foi considerado incapaz de fazer parte de uma sociedade moralisada e bem constituida.

A resignação tem um termo, além do qual o desespero começa: da oppressão nasce a resistencia: e assim, desde que uma autoridade é repellida pela opinião geral, cumpre attender ás justas reclamações desta, afim de evitar futuros embarços e demonstrações mais positivas do que um poema heroi-comico-satyrico.

Elle ahi vai: é uma carapuça para quem se persuadir que lhe assenta perfeitamente.

Boa noite, leitores.

A CHAPELLEIDA

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO.

ENCAPELLAÇÃO I.

Um caso novo nos annaes do mundo,
Digno de eternas, estrondosas vaias,
Digno da chocarreira, ardente musa
Do valente, mordaz cantor dos *Burros*;
Um factó virgem, portentoso, enorme,
A que velhos chapéos (*pobres penantes!*)
E o talento sem par, o arbitrio, a asneira
D'um transcendente sabio derão causa;
« E tambem as memorias gloriosas
Do autor illustre da *brilhante* idéa,
Maravilha em projectos vaporosos,
Grande legislador do inferno á moda,
Das sciencias e artes alambique,
« Doutor em taboada, financeiro
Mais atilado que o Brasil tem visto;
Orador consumado, que adormece
A seus ouvintes com a voz d'arára,

E que ao mesmo *Cerbero* adormecêra
C'o o seu *nhenhem*, *nhenhem* de mil diabos ;
Por'hi além fiscal mais que zeloso
Das patacas do Estado, orçamenteiro
Que das duzias não é, mas sim das grosas,
O non plus ultra n'artimanha e tretas,
O aborto emfim da madre *Anna Theresa*,
« Vou, cantando, espalhar por toda parte
« Se a tanto me ajudar o engenho e arte! »

O' genio tutelar das frioleiras!
E vós, ó Musas todas, que inspirastes
A Juvenal, Boileau, Diniz e Costa,
Correi, vinde accender-me aqui na mente
O lume da ironia e do sarcasmo,
Que inflamma o estro, que ao poeta inspira
Poemas heroi-comicos e satyras !
Não falte a *Zanga*, que incitou Macedo,
O Miguelista furibundo, ousado,
A invadir da mãe Sandice o reino,
E a trazer p'lo cabresto á praça publica
« A duro cachação, a murro secco,
Quantos burros achou — filhos de Lysia—,
P'ra zurzi-los c'um látego tremendo!
Vinde, correi armadas de pandeiros,
Realejos, violas, cavaquinhos,
Marimbas, marimbãos, gaitas de foles,
A fazer-me a segunda, auxiliar-me
Na empreza de elevar o caixa d'oculos
Té ao setimo céu, s'inda mais alto
Outro não ha onde seguro o ponha !
Ajudai-me a mandar seu bello nome,

Já tão famoso, do Amazona ao Prata,
« Do polo aquilonar ao polo opposto,
« Da China ao Tibre, do Danubio a Java,
De Jupiter á lua, ao sol, aos astros,
E da face da terra ao fundo abysmo
Onde Lucifer tem seu negro throno!

« Dai-me pois um som *alto e sublimado*,
« Um estylo *grandiloquo e corrente*,
P'ra que eu torne immortal o mui preclaro,
O grande, sabio, eximio, illustre PENCA!

Urania presidiu-lhe ao nascimento:
Astro dos mathematicos sublimes
Deu logo a conhecer o recém-nado.
P'ra completar o horóscopo um cometa
De enorme pança e rabo, e d'oc'los fixos,
Nos céos appareceu do séstro lado!
A' meia noite em ponto o illustre PENCA,
A contar pelos dedos, veio ao mundo
Já mostrando que em sommas era um *barra*.
A' mesma hora tambem grandiosa arára,
Do lar paterno sobre a cumieira,
Por tres vezes *cué* gritou sinistra,
Annunciando á terra este successo,
Precursor das reformas transcendentas
Que tem feito pasmar o Brasil todo!
E logo após, seus vôos desprendendo,
Entrou pela janella do aposento

Onde no berço estava o tenro infante,
Deu-lhe ao redor tres gyros, com voz rouca
Clamando: « arára! arára! » e retirou-se!...
Era o genio do heróe, que, sob a fórma
Dessa ave tão vistosa n'apparencia,
Mas de temivel garra e feio bico,
De zaino olhar, cabeça d'implicancia,
Manhosa, roedora, ao *bem* propensa,
Da existencia n'umbral sauda-lo vinha.

Foi notavel do PENCA a mininice,
Cheia d'esperanças, de prodigios cheia!
Sobre um arco de pipa, ou de vassoura,
Sobre um cabo montado o virão nunca!
Aos brincos todos dessa quadra proprios,
E á idade pueril sempre tão caros,
A' peteca, ao pião, á cabra-cega,
A's gaiolas, foi PENCA sempre estranho.
Era o seu Ai-Jesus um branco muro,
Onde a carvão mil calculos fazia;
Os compassos e globos seus bonecos;
E *João-da-Cruz* seu tudo e seu cuidado!
Entregue a reflexões mysteriosas,
Foi por milhões de vezes encontrado
Em frente a alguns vintens postos em monte.
Deste constante meditar a causa
Quem a soubera então? quem a previra?
É conhecida agora, e tanto basta.

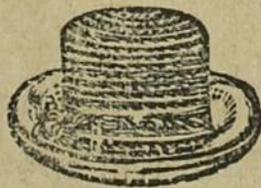
O exemplar das escolas, manso, *humilde*,
Se alguma vez os mestres o escovárão,
Oh! foi por não poder sua *innocencia*

Com labia comprovar, soltando o pranto,
Que tão prompto nos olhos tinha sempre.
Pomba sem fel, bem tenro demonstrava
Essa *bondade* que lhe todos notão.
Nunca, porém, as unhas por bolonio
A ferula quebrou-lhe: que em sciencias
O rapaz era um Thebas, um portento!

Transpondo os mares n'um chaveco, ousado
Deixou taludo a patria; foi-se a Coimbra
Estudar não sei que (só elle o sabe).
Quem como PENCA no verdor dos annos
Tantas *materias* já na bola tinha,
P'ra que do mar ás furias ir expor-se?
Os dias arriscar n'um fragil lenho,
Deixando em luto e dôr os seus penates,
Os parentes chorando, a patria em ancias?
Para que? Se de Coimbra nada trouxe,
Se voltou como foi, sem mais nem menos,
Trazendo oculos só, formado apenas
(Valha a verdade) bacharel em tretas?!
Que foi, pois, lá fazer?—Ganhar renome
Em pasmaceira pondo os condiscipulos
(Hoje estadistas de capello e borla);
Sota e áz de Coimbra aos lentes dando;
Colhendo applausos Ulysséa em peso;
Emfim, do velho mundo os sabios todos
Mettendo n'um chinello com problemas
Que elle só resolvia de assentada:
Dest'arte conquistando p'ra seu ninho
E para si tambem gloria tamanha
Qual a França não tem, não teve a Grecia!!

Tanto pasmo causou seu genio e luzes,
Que seduzi-lo procurarão muitos ;
Querendo todos que negasse a origem,
Que se fizesse Inglez, Sueco, Russo,
Allemão, Hespanhol, Turco, Polaco,
Francez, Laponio, Italiano ou Grego!
Immensas honras cada qual por premio
Na patria que adoptasse lhe augurava ;
Entre si mil cidades disputavão
A honra de lhe haverem sido o berço.
De sua vida inteira este episodio
Foi por certo o mais bello, o mais sublime ;
Aquelle em que mostrou maior firmeza,
D'alma a grandeza, e mór patriotismo.
Tudo o heróe recusou com nobre orgulho,
E Brasileiro sempre disse que era.
N'um coração leal que póde a peita?!...

Ao pasmo a inveja e odio succedêrão ;
A seducção gentil negra ameaça !...
Espiritos maleficos, infames,
Tentárão reduzir-lhe o vulto a zero,
Para que não chegasse em breve tempo,
O Brasil, por tal genio auxiliado,
A suplantar as mais nações do mundo,
Tornando-se maior do que foi Roma!



ENCAPELLAÇÃO II.

Tranquillo em sua pura consciencia,
Ouvindo aos *cegos* apregoar seu nome
Pelas esquinas todas, em Lisboa
Vivia o grande PENCA, desejoso
De rever seu paiz e seus penates,
De a seus concidadãos encher de assombro
Louvor mais caro a um coração brasilio,
No solo amado conquistar a todos.
Máo grado as verdes palmas que empunhava
As c'rôas de carvalho, os elogios,
Altas provas de apreço que dos sabios
Na Europa a cada passo recebia;
Máo grado ver-se curvo ao peso enorme
(E tal foi elle que ficou corcunda)
Dos louros que cingião-lhe a cabeça,

Saudoso pela patria suspirava!
Já mais que farto do louvor estranho,
De prendas tantas d'estranceiras hervas,
Almejava ganhar, colher na patria
Virente c'rôa de capim-melado.
Patriota até hi, qu'ria na frente,
Qual expressivo emblema, uma rodilha
Do util vegetal que nas campinas
Do seu torrão natal á tôa cresce!
Mas ah! que tinha o coração captivo!...

Se no *Cães do Sudré*, seu ponto certo,
(Onde apurou-se do *bom-tom* nas regras,
Onde aprendeu maneiras *tão distinctas*
De *bem* tratar aos homens educados)
Na gloria do Brasil pensava, ancioso
De regressar-lhe ao seio, para as molas
Da financeira machina c'o dedo
Untar de azeite, e grande impulso dar-lhe,
Emquanto ao largo mar volvia os olhos,
A' *Praça da Figueira* voz interna
O chamava tambem. Oh! duro transe!...

« Emmudece a razão quando amor falla: »
O sabio illustre, o transcendente genio,
Na idade das paixões á redea solta,
Nos laços lhe cahiu.... pois qu'era homem!
Quem o criminará por ser sensivel?
« Quem vê um olhar seguro um gesto brando
« Uma suave e angelica excellencia,
« Que em si está sempre as almas transformando,

« Que possa ter contra ella resistencia ?
« Desculpado por certo será PENCA
« Por quem tiver de amor experiencia »
Na *Praça da Figueira*, sob as lonas
Desqualida barraca extravagante,
Uma saloia, verdadeira perola
Occulta no monturo, nabos, frutas
Vendia, e mechas e outras muitas cousas.
Vermelha, rechonchuda, alambazada,
De cara larga e buço, d'olhos negros,
E de um nariz de proporções graúdas,
Era, certo, do bairro a mór tarasca.
Com seu capote e lenço, repimpada
Entre bojudos cestos de verdura,
Ninguem vê-la podia sem benzer-se.

Descobridor de mel de páo, bispou-a
O illustre PENCA, e namorou-se della:
E ao ver o narigão (*que é de cometa*)
Do mancebo *gentil* que a requestava,
Quasi que igual ao seu de palmo e terça,
Sentiu-se commovida *a bella dona*.
Fallarão-se, depois de uns namoricos,
Um ao outro jurando amor eterno.

Desdeentão quando em casa, entregue aos livros,
Ou entre as mais notaveis summidades
Nas sciencias e artes, não se achava,
Fazendo embasbacar a todas ellas
Pelas exhibições do raro genio,
Na *Praça da Figueira*, ou, quasi sempre,

Pelo *Cães do Sudré* era encontrado
O tributo pagando ao Deus frecheiro :
Que o sabio PENCA, p'ra fugir aos olhos
E ás linguas más da sucia quitandeira,
Ia menos á praça : o ponto certo
Era dos *rendez-vous* o cães, á noite.
As horas todas, que aos estudos serios,
A's reflexões, aos calculos sublimes
Furtar podia, destinava-as elle
Aos colloquios de amor co'a *bella dona*,
Achinellada um tanto, um pouco exotica,
Mas terna e meiga como gata mansa,
Airosa qual a mula que na frente
Vai das tropas tangendo a campainha ;
E sobretudo espirituosa e sabia
Quando bebia de zurrapa um copo.

Fosse noite de lua ou de tormenta,
No cães sempre, constante, á mesma hora,
Era visto o *gentil* par de galhetas.
No enlevo desse affecto que os ligava,
Longe do mundo, sem que a extranho objecto
Prestassem attenção, os dous amantes,
Horas longas sentados sobre as lages,
Com os aromas da praia de mistura,
Doces effluvios da paixão gozavão !
Era um casal d'impavidas corujas
Prodigando-se affagos e caricias,
E dos garotos affrontando as pedras.

Havia mezes que este amor durava
Sempre igual, sempre doce e grato a ambos,

Occulto no mysterio ; mas um dia,
Aviso recebendo em carta anonyma
Do trama urdido pelos mesmos sabios
Das cinco partes do terraqueo globo,
Que, sob a capa de leaes amigos,
O frequentavão com o louvor nos labios,
Quando só por inveja, oh! que traidores !
O emulo, o rival que os offuscava,
A expressão mais simples, á poeira
Tentavão reduzir sem consciencia ;
Sabendo que os infames conjurados
Com esfregas de couro e pós de mico
Dar-lhe cabo da casta pretendião ;
Lembrou-se PENCA do Brasil, seu berço,
Do que perdia com a morte sua,
Veiu-lhe a gloria que esperava á mente,
Se grandioso impulso á patria dêsse
Pelos que concebêra altos projectos ;
Sobretudo lembrou-se das *finanças*,
E desejou o atlantico de um salto
Logo transpôr, e no *palacio do ouro*
Cahir qual uma bomba de pataca,
Ou qual um gavião sobre ninhada
De já taludos e bem gordos pintos.

Mas, como a luz fugaz do meteóro,
A idéa de fugir amorteceu-se :
Tremeu-lhe o coração dentro do peito
Ao recordar-se da querida amante,
Que assim abandonar ia p'ra sempre !
O que fazer em semelhante caso ? !
Em que horrivel vai-vem PENCA a sua alma

Balançada sentiu nesse momento,
Nesse momento de cruel angustia!!
Mandava-lhe a razão que elle partisse,
Que ás finanças voasse o *amor da patria*,
O amor da gloria, que esquecesse a amante,
Mas o amor da saloia que ficasse!
Oh céos! oh fado! amor! oh natureza!
A que prova cruel, amarga e dura
O heróe nesse dia submetteste!!....

Sobre o peito cruzando os magros braços
Elle immovel ficou por algum tempo
Ruminando um projecto, um meio facil
De tudo conciliar. Aos grandes genios
Nunca faltão, porém, para os nós-cegos
Alexandrinos gladios cortadores,
Decentes meios de *arranjar* as cousas
Para sahirem bem dos *embarços*
Na empreza a mais difficil e arriscada.
Oh! elle os descobriu; e d'improviso,
Dando um pinote, arrebatado exclama:
— « Levo-a comigo! — A preveni-la corro. »
E, sem ver mesmo qu'em menores *'stava*,
Da amante em busca sahe, a trote largo,
Para rogar-lhe que com elle parta.

Não a encontrou, porém, na suja tenda:
Por uma velha bruxa prevenida
Do trama insidioso, a marafona,
Emquanto PENCA alegre a procurava,

Tremula, anciosa, do seu bem a porta
Transpunha afflicta por chegar a tempo.

Era já noite: cuidadoso PENCA
A' casa regressava, para logo
Do *rendez-vous* ao ponto encaminhar-se :
Sahe-lhe ao encontro a desvelada amante,
Que a espera-lo abi ficado havia.
Aos braços um do outro se arrojárão,
Ambos a soluçar como uns pascacios.
Ella a primeira foi que a si tornando
A triste causa da visita insolita
Commovida narrou em breves termos,
Pedindo-lhe que o *lombo* acautelasse.

« Já prevenido estava, — o heróe responde ;
« E para te levar comigo á patria
« Fui procurar-te ha pouco, ó prenda minha.
« Eia pois! corre, amiga, a preparar-te,
« Pois que amanhã Lisboa deixaremos.

« — Não partirás, nem eu ; torna-lhe a *bella* :
« Não pudera viver em terra estranha
« Inda mesmo contigo. Eu sei que morro
« Se de mim despiedoso te separas....
« Pódes aqui ficar sob o disfarce
« D'almocreve, criado, ou de aguadeiro ;
« Inda que esse nariz elephautino
« Seja p'ra isso um obstac'lo immenso,

« Pois dá-te a conhecer a legua e meia :
« Mas não importa, tem remedio tudo ;
« E eu saberei até, se fôr preciso,
« Em macaco ou em burro transformar-te
« Ao menos n'apparencia ; oh ! não, não partas,
« Que esta alma levas, meu querido PENCA !

Attonito o heróe com tal discurso,
Com tal resolução que não previra,
Nem que pensar, nem que dizer sabia.
Depois de reflectir por um momento,
Com *eloquencia* expoz o grande p'rigo
Qu'ia correr se prompto não fugisse ;
Seus projectos narrou, fallou da gloria
Que na terra natal o esperava ;
E, p'ra ver se a cobiça a resolvia,
Disse-lhe até que no Brasil as arvores
Em mil cachos patacas produzião ;
Terminando por fim, banhado em pranto,
De joelhos, com estas vozes d'alma :
« O' vida minha ! meu amor ! meu anjo,
« Se não queres seguir-me antes me mata. »
Mas teimosa qual besta de carroça,
Firme no plano de occultar o amante,
A nada se moveu a tartaruga.

Entretanto essa noite era a marcada
Do illustre PENCA pelos inimigos
Para o atroz e negro sacrificio !
Pelo auxilio das trevas os malvados,

De pós de mico co'um pacote immenso,
E de casca de boi co'os instrumentos,
A' morada do heróe se dirigião.
E elle, sem saber que a extrema hora
Se approximava da vingança injusta,
Sem mais lembrar-se da *querida* patria,
De si mesmo olvidado e do futuro,
Com ardor a saloia unindo ao peito,
Arroubado exclamava: « Pois não parto ;
« Como não queres vir, fico a teu lado ;
« Haja o que houver, não sahirei d'Europa! »

E já os conjurados invadião
Do illustre varão a casa, quando
Subito as portas com estrondo se abrem
De uma janella, que era em frente a PENCA,
Por onde entrou, voando, enorme arára !
Sem dar-lhe tempo a resistir, co'o bico
A ave o segurou pelo gasnate,
Suspendeu-o no ar, e com presteza
Batendo as azas o levou comsigo
Pela mesma janella por qu'entrára,
Quasi morre não morre, em pranto, em gritos
A infeliz saloia a sós deixando !
Mal pôde o heróe, já fóra, pendurado,
Com voz desfallecida, « Adeus, gritar-lhe ;
« O diabo me leva; adeus, meu anjo !....

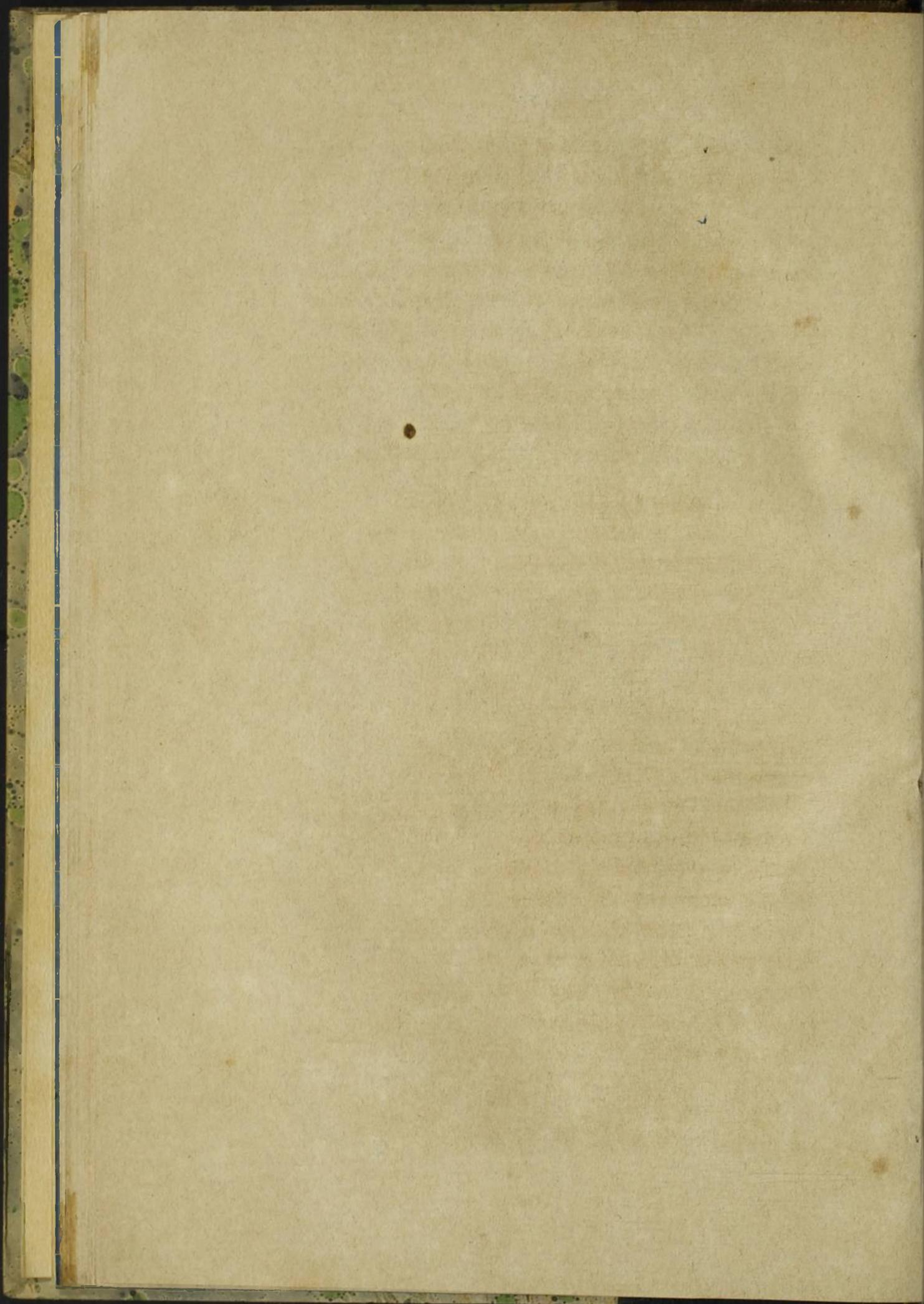
Era tempo : a caterva dos traidores
A sala enchião furiosos, loucos,

Clamando: « Onde está PENCA! Eia! vingança!
« Cáia no abysmo, e o Brasil com elle!
« — Já se foi! a tarasca diz chorando;
« Ei-lo que vai, de um passaro no bico,
« De mim fugindo, o ingrato, o deshumano! »
E chegando á janella, aos sabios, logo
De prodigio tamanho estupefactos,
Mostrou com o dedo o grande, o eximio PENCA
Por uma arára, ou antes p'lo seu genio,
Levado aos trambulhões por entre nuvens!
Pensativos, tremendo, a passo lento,
Mudos a casa despejão todos.

Após elles sahiu a desditosa,
Cabisbaixa, desfeita em pranto amargo.
Como douda a gyrar andou nas ruas
Por algum tempo; subito parando
Como quem tinha achado o que buscava
Disse baixinho: « Não ha mais remedio;
« Tudo acabou-se para mim no mundo! »
E entrando resoluta, os olhos seccos,
Por immunda taverna, com voz firme
De aguardente pediu pataca e meia.
Admirado, um caixeiro, em grande vaso
Trouxe a bebida que a mulher pedira:
Pagou-a, e d'assentada ella nas tripas
Deu com toda a porção do ardente liquido!
Foi-se depois correndo sobre as pedras
Lá do *Cães do Sudré* deitar a misera....
E o molambo espichou ao romper d'alva!....
Matou-a fulminante apoplexia!

Nova Moema resistir não pôde
A' dôr terrivel da cruel saudade....
Era PENCA o seu bem, seu bem mais caro,
A vida mais não quiz ausente delle.





ENCAPELLAÇÃO III.

Fendendo os ares com as pandas azas,
No adunco bico tendo o heróe seguro,
Rapidamente a arára dos planetas
A's regiões altissimas subia,
Da turba de uns garotos, que a bispárão,
Aos gritos espantosos e assobios.
Tal de fino papel vistosa *machina*
Penduradas levando lanternetas,
Bombas e buscapés, traques da China,
Pela força do gaz remonta ás nuvens,
Entre as acclamações da molecada.
No ethereo espaço o tão estranho grupo,
Breve, porém, sumiu-se aos olhos todos,
Sem que o destino seu alguém previsse.

Ia, no entanto, a arára se elevando,
E ao sul em direcção dando guinadas;
Era tranquilla a noite, a brisa mansa,
Azul o céo de estrellas recamado,
O oceano calmo. A natureza inteira
Ascensão a mais commoda e suave
Ao sabio, illustre PENCA promettia,
Que dos boléos primeiros concertado,
Livre quasi do medo que o fizera
Máo grado seu molhar de todo as calças,
E affeito já a viajar nas nuvens
Mesmo filado p'lo gasnate; os olhos,
Que não perdêra, conchegando á tromba,
A vol d'oiseau admirava o mundo,
Mentalmente as distancias calculando
Dos astros entre si, dos céos á terra,
E outros apontamentos na cachola
Cuidoso recolhendo. Por Vulcano
Passou rente o heróe nesta viagem,
Deu com o tacão das botas em Saturno,
Co'a dextra mão palpou a Marte e Venus,
E metteu quasi o naso no cometa
Que d'Enke o nome tem entre os astrónomos.
Para os estudos seus, p'ra seu talento,
N'ascensão vasto assumpto colligindo,
Deixava-se levar de prazer cheio.
Mas subito da parte á qual seus vãos
A ave dirigia, negra nuvem,
Inda ha bem pouco diminuto ponto
Do espaço n'amplidão, que olhos de nauta
Só poderião distinguir, se ergue
E avulta em fórmãs, e o grupo envolve
Berrando como um touro embravecido.

E em densas trevas sepultando o mundo!...:
Listras de fogo pelo ar cruzavão ,
Lugubrememente rebramava o vento,
E o mar ás nuvens atirando espuma
Vozes de horror juntava ás da borrasca!
Era d'aniquilação a hora tremenda! . .
Mas em tal confusão, em tal desordem,
Do bico não largou a arára o PENCA ;
Antes no dorso lhe ferrando as garras,
Com mais força o prendeu, e sempre voando,
Inda que á tóa, já sem tino, aos trancos
Pelos turvados ares o levava.

Desmaiára comtudo o heróe de susto
Neste conflicto, novamente as calças
Té ás botas molhando! De repente
Um doloroso grito solta o misero,
E do desmaio acorda a um grande choque!
Ao seu grito, porém, responde a arára
Com outro de prazer, e o larga em terra,
Que pela do Brasil ella tomava ;
E ás nuvens outra vez se arroja, e vai-se.
Engano!... o illustre PENCA estava, aonde
Pancada enorme co'a a cabeça dera....
Só, *no mundo da lua*, á meia-noite !...
Era a lua, satellite da terra,
O globo ao qual nas trevas, aturdida
Foi a arára esbarrar, o heróe deixando,
Pòrque julgava que na patria o punha.

Abandonado vendo-se em terreno
Que não podia conhecer á noite,

Receiando cahir n'algun abysmo
Se um passo mais á frente aventurasse,
Resolveu tristemente o heróe famoso
Ao corpo lasso de fadigas tantas
Alli repouso dar. E com cautela
Deitou-se pois no chão, mesmo ao relento ;
Tres vezes bocejou, ergueu-se um pouco,
Assustado talvez, a um lado e outro
Volvendo o rosto, como quem tentava
Mesmo nas trevas distinguir as cousas ;
Mas outra vez no chão accommodado,
Adormeceu, roncando como um porco.

Mil confusas imagens se apresentam,
Passada uma hora, do heróe á mente.
'Stava, era um sonho, no seu patrio ninho
Muito cheio de si, sem saber como
Altos, subidos cargos occupando,
Que ao merito real n'outros paizes
Cabem sómente, jámais nunca aos *gralhas* ;
Sua constante e mais risonha esperança
Realizada via : — era mitrado !
No *palacio do ouro* tinha um throno,
A's ordens suas humildosos servos,
A quem trazia n'um cortado sempre
Movendo intrigas (do seu genio o gosto) ;
A quem tirava o pão de muitos dias,
O pão tão negro e duro e tão minguado,
E por torpe vingança as mais das vezes !
A quem n'um dia ao céo alevantava,
N'um outro insultos dirigia impune,
Segundo o seu capricho.... Poderoso,

De aduladores vis entre uma côrte,
Que ás duzias espiões lhe fornecia
(Orelhudos sendeiros quasi todos)
Os infames serviços lhes pagava
Com o ouro da nação : pois os empregos,
Hypocrita illudindo os *Timoneiros*,
Ou antes por saber pôr-lhes a canga,
Conforme o seu querer, salvo um ou outro,
Dados erão sómente a vis capachos....
Assim, calcando aos pés sacros direitos,
Aos leaes servidores desgostando,
Por castigo os *soberbos* preterindo,
Assim da corrupção plantando o imperio!...
Via-se ainda em sonhos financeiro
Entre os cegos de grande nomeada ;
E sentado no meio, por bamburrio,
Até dos benemeritos da patria !
Via-se mais do Estado—*Timoneiro* ;
Elle a quem seus parentes destinavão,
Na infancia, p'ra escrevente de cartorio,
Ou para procurar causas no fôro,
Ou para sacristão de S. Fidelis! !..

Aqui um pouco o sonho perturbou-se ;
Mas inda a frente sua ornavão louros :
Grande na historia, via-se ; cantado
Em prosa e verso pelos seus patricios ;
Protagonista de um poema heroico !
No fundo de um chapéo acocorada
Via a *gloria* sorrir-lhe : e (cousa extranha)
Entre chapéos de todos os tamanhos,
De fórmias várias, pretos, brancos, ruços,

Cujo num'ro a cad'hora ia avultando,
Por fim tambem se via!.... e após na rua...
Montões de cisco... um burro... povo...—PENCA,
Meio dormindo, meio despertado,
De posição mudou abrindo os olhos,
E baixo disse: — « N'um chapéo a gloria?!
« A gloria de chapéo?! . Foi pesadello. »
E outra vez as palpebras fechando,
Começou a roncar com maior força.

No outro dia, ao sol fóra, o caixa d'oculos
Des braços de Morpheu sahe d'improviso
Ao barulho d'immensa gargalhada,
E vê-se entre uma chusma de *lunaticos*,
Os filhos do paiz; homens, é certo,
Aos do terraqueo globo semelhantes,
Que fazem quasi tudo que fazemos;
Nos habitos, porém, mui differentes,
Nos costumes e vida, pois que sempre
De pernas para o ar andão, firmados
Nas mãos e na cabeça. Em vez de pannos,
De pavão com as pennas multicôres
Cobrem-se os ricos; do macaco as pelles,
Ou da rapoza, traja a classe pobre.
Barrete de papel, a um pé seguro
Por um fio de embira, na cabeça
Trazem como chapéo; que ao grito, á ordem
— *Chapeau bas!* — de qualquer dos salafrarios
Que aos magnatas nas ruas acompanhão,
Submissos arrancão sem demora.
Isto mesmo praticão se p'la frente

Transição dos palacios dos *senhores*,
Dos escriptorios nacionaes á entrada,
Cocheiras ou posilgas sendo embora,
E do *cofre real* principalmente.
Sentados como nós, escrevem, comem,
E outras muitas cousas fazem elles:
Mas logo que o andar lhes é preciso,
Dão sobre as mãos ligeira cambalhota,
Tal qual os arlequins as dão n'um circo,
E ei-los em marcha sem nenhum esforço.
E' mistura de grelos a linguagem
Por que se correspondem : cá da terra,
Com voz de sovelão ou voz fanhosa,
As linguas todas embrulhando, fallão.
De Estados varios se compõe a lua ;
Vasa-barris, *Pantana*, são comtudo
Os mais notaveis pelo seu progresso.
PENCA em *Vasa-barris* dera co'os ossos,
Se a pezar seu talvez, por lei do fado.

De subito acordado, os olhos PENCA
A'quelles que o rodeão volve, e pasma
De os ver todos assim, p'ra o ar as pernas,
Com uma só das quaes, ás gargalhadas,
Contentes os *lunaticos* o apontão.
Julgando-se inda em sonhos, apressado
Da fachada, onde os tem sempre grudados,
Os oculos arranca, os vidros limpa,
E de novo encaixando-os sobre a tromba
Com attenção maior a turba fita.
Redobra a hilaridade, e sóbe ao auge

Quando, fóra de si, o heróe, mui pallido
Por crer-se já no inferno entre demonios,
(Bem como aos outros viu desde criança)
Sobre os pés se levanta, e de repente
O circulo rompendo, amola as gambias.
Em disparada assim tambem o burro,
Se uma bomba lhe atacão junto ás ventas,
Ou se o rabicho lhe molesta a cauda,
Quebrandó a corda que ao moirão o prende,
Com o cabresto e o mais ás trancas põe-se,
O dono em talas e a pé deixando.
Corre do heróe atrás, gritando e rindo,
A magna caterva dos *lunaticos*;
E após rodeios muitos, muitas voltas,
Entrão com elle, sem alento quasi
Pelo tão grande esforço que fizera,
Em *Asneiropolis*, capital do reino.



ENCAPELLAÇÃO IV.

Era dia de festa; pelas ruas
Da cidade apinhado o povo estava:
Marmello quarto, o rei, dito o Basbaque,
Por ter-lhe felizmente das queixadas
Arrancado o barbeiro um dente podre,
Aos subditos mostrava-se, impacientes
Por vê-lo e festeja-lo nesse dia.
Já no alto da rua apparecia
O labaro real; as personagens
Do prestito primeiras desfilavão,
Com ares de importancia, lentamente:
Em silencio profundo, os olhos todos
A' bombochata dirigião, quando
Esbaforido, pelo opposto lado,
Apparece correndo o nobre PENCA

Pallido e sujo, atropellando as massas!
Ergue aos ares o povo a um tempo gritos
D'escarneo e de prazer, d'espanto e susto;
Rindo, os homens lhe dão grande apupada,
Aterrão-se as mulheres, e as crianças
Berrão com medo, e espavoridas fogem;
Porém os de mais animo se arroçam
Em confusão, para verem-no de perto,
Fazendo-lhe ao redor estreito circulo.
Em vão tenta o heróe d'elle escapar-se,
Como do outro escapou, que mais compacto
Acs seus esforços este assim não cede.
Ião já os *lunaticos* prendê-lo,
Escovarem-lhe a roupa talvez mesmo,
Eis que por felicidade o rei Marmello,
Que inda tal novidade não sabia,
De toda a cõrte sua acompanhado
Ao povo se approxima, e assim lhe brada:
« Que proceder é este? Que motivo
« A faltar-me ao respeito neste dia
« Obriga o leal povo d'*Asneiroplis*? »
Mas nisto o illustre PENCA descobrindo,
O rei, como um perdido, a rir desata,
A causa do motim vendo patente:
E, sem poder accrescentar mais nada,
Mostra o heróe á comitiva sua.
Mal dão c'os olhos na figura estranha
Os cortezãos, conter-se não podendo,
Soltão diques ao riso; e com vontade
O populacho em peso os acompanha!
De todo enfia o PENCA, sem que saiba
Se do seu traço rião-se, ou dos oculos,
Ou se do seu nariz, nariz tres vezes!

Tanto que o rei mais calmo fallar pôde
Gritou com voz de mando: « Não lhe toquem ;
« Não quero que o machuquem ! Donde veio ?
« — Senhor ninguem o sabe, responderão,
« Achamo-lo dormindo lá na estrada
« Por onde os toleirões entrão no reino. »
Ao seu criado-mór, após instantes:
« A palacio trouxe-o, diz Marmello ;
« O meu bobo será d'hoje em diante,
« E aposto desde já todo o meu reino
« Se, neste globo, igual me apontão outro. »

Na pelle de contente não cabia,
Por ver-se dos galfarros libertado,
O eximio caixa d'oclos: satisfeito,
Mesmo entre gargalhadas estrondosas,
Tomou logar no prestito. O monarcha,
Bem como os cortezãos, deitados ião
Sobre ananicos bois de pontas grandes ;
Seguia-se uma tropa de jumentos
Com muitas campainhas ao pescoço ;
Atrás destes o *toló-mór* do reino,
O *grão-pascacio*, as más autoridades,
Os *mandarins*, *caturras*, *surradores*,
Os *charlatães*, os *biltres*, convidados,
E no couce, fechando o immenso prestito,
Os bichos todos da real cozinha.

Chegados a palacio, e finda a festa,
A' presença do rei chamado, PENCA

Sua origem lhe expoz, onde nascêra,
Sua vida até'li, os seus amores,
Os louros que n'Europa recebêra,
Seus projectos, risonhas esperanças,
Os revêzes soffridos, finalmente
Por que prodigioso estranho modo
Viera ter, perigos mil vencendo,
A terras cujo nome lhe era ignoto,
E a posição tambem. — « 'Stás no planeta,
Gravemente lhe torna o rei Marmello,
« Que se falsa não é dos meus a crença,
« Ao globo em que habitavas de lanterna
« Serve quando lhe volta o sol as costas. »
« — Gracejais, ó grão rei?! Que!... 'Stou na lua?
« Eu no mundo da lua?! » exclama o PENCA,
Beija e tromba dous palmos alongando.
« — Sim, no mundo da lua; em *Asneiropolis*,
« Já t'o disse uma vez, primaz cidade
« Do reino meu, *Vasa-barris* chamado,
« Onde c'o as ventas hontem déste em cheio
« Por sina tua, ou por acaso fosse.
« Sabe que mando aqui: ordeno e quero,
« Visto que tudo em ti me excita o riso,
« Que d'ora avante meu caturra sejas.
« N'este palacio vivirás comigo;
« O que fôr do teu gosto, sem receio,
« Tens plena liberdade, fazer pódes:
« Fica certo, porém, se por acinte,
« Por saudade, ou por al te pões casmurro,
« Que sem nenhum pezar mando sorrar-te. »
E a um gesto, que fez PENCA, de sciente,
Rindo-se muito o rei mostrou-lhe a porta.
De genio um tanto galhofeiro e vario,

Por gaiato passar querendo ás vezes,
E da bajulação zorro no officio;
A arte de mentir de cór sabendo,
E como um jesuita á intriga dado;
Difficil ao astuto caixa d'oculos
Não foi servir de truanaz do paço,
De todo ao rei captando as boas graças.
A' sua sorte resignado, alegre
Desde que a vida alli viu ser folgada,
Em vinte dias quasi o reino inteiro,
Do potente Marmello em companhia,
Corrido tinha; com profundo int'resse
As estações fiscaes, fabricas, bancos,
E varios outros estab'lecimentos
Visitando a miudo, e no canhenho
Tomando notas de um valor subido.

Nestas visitas do maior alcance,
Só á curiosidade attribuidas,
O heróe, novas theorias concebendo,
Em pouco tempo omnisciente viu-se.
A administração — como gaveta
De sapateiro pôr, centralizando-a,
Negocios baralhar, confundir tudo,
Em cáhos convertendo o que era simples;
Com questões de vintens despende contos,
Gastando resmas de papel ás duzias,
E ás *machinas d'escripta*, uma após outra,
Cem pelo menos occupando; e as partes
Com exigencias, tricas, 'licantinas,
Levando ao desespero, pondo em cólicas,

C'o fito só de *encher* do Estado os cofres,
E ás finanças crear novos recursos ;
Por meio da pressão, do forte arrôxo,
A' condição do jornaleiro escravo
O funcionario reduzir aos poucos,
P'ra que sirva melhor, e, longe o brio,
A's mais torpes accões, infames calculos
De bom grado se preste, humilde servo,
Tambem co'a mira na futura paga
Degráo seguinte que subir deseja ;
Tudo em *Vasa-barris* o illustre PENCA
Em vinte dias aprendeu sem custo !
Que, da terra entre os sabios o primeiro,
Quanto pôde alcançar a humana idéa
Elle sabia ! mas, dizê-lo é força,
Não como os sabios que na lua habitão ;
Pois que as artes ahi, sciencias, tudo,
A' perfeição maior tinhão chegado.
Se era um sabio no globo em que nascêra,
Astro de luz ficou subindo á lua !
Breve tambem a andar acostumou-se,
(Não sem por vezes esmurrar as ventas
Com applauso geral dos circumstantes)
De pernas para o ar ; deixando as vestes
De que na terra usára, revestiu-se
Com pennas de pavão ; fez-se *lunatico* ;
Do antigo proverbio por sentença
« Se a Roma fores, faze-te Romano. »

Do seu futuro o heróe não mais cuidadoso,
Ia em *Vasa-barris* passando a vida,
A divertir a todos no palacio,

E na rua tambem quando sahia ;
Mas o seu genio trefego e propenso
A tudo reformar, destruir tudo,
Que até reformaria n'um só dia
O que Deus fez em sete, se pudesse,
Novamente um perigo deparou-lhe.

Depois de haver o reino esquadrinhado,
E aqui e alli o narigão mettido,
Sorrateiro, do rei ganhando o esp'rito,
Desconhecida pratica na lua,
O aconselhou a decretar, n'um bando,
A lei dos caloteiros: e dos nobres
A dar por findo um privilegio antigo.
« Levai a effeito (o heróe ao rei dizia)
« Estas, que vos proponho, uteis reformas,
« E dos Estados que este globo encerra
« O modelo será, vo-lo asseguro,
« *Vasa-barris*, senhor. Optimo julgo
« Tudo que observo aqui; só isto falta
« Para rival não ter o reino vosso. »

Não foi preciso mais: Marmello quarto
Fez ao povo saber que desse dia
Ia a lei vigorar dos caloteiros.
Cessava a pena de prisão por dividas;
Findo um anno o direito era prescripto
Dos credores do Estado p'ra cobra-las;
Prescrevião tambem após seis mezes
As dos particulares; o calote
Estava assim por lei autorizado.

Não erão mais os nobres preferidos
Para os empregos publicos; ao merito
Nem tambem valor dava a tal reforma;
Que de então por diante em hasta publica
A quem mais désse, baixo ou alto o cargo,
Seria arrematado. Estas medidas
Quadrarão mal aos nobres e agiotas.
Ardendo em raiva, tanto que souberão
Que do paço ao caturra erão devidas,
A sua prompta morte decretarão!
Mas 'stava escripto!... o singular portento
Inda no seu paiz brilhar devia....

Seu genio protector, a enorme arára,
Que desde trinta dias o buscava,
Porque o seu erro a conhecer viera,
De novo entra na lua; quando PENCA,
Mente fecunda em chula versalhada,
Do plano dos contrarios insciente,
Com desenvoltos gestos e monadas
Seus versos de pé manco recitando,
Livres de mais, de turpiloquios cheios,
Ao rei Marmello quarto divertia.

Como se já do heróe a residencia
Soubesse, ao paço encaminhou-se a ave;
E, rapida invadindo a régia sala,
Ao ver o illustre PENCA — *Arara! arara!*
Satisfeita clamou: e sem que o tempo
Sequer lhe désse para despedir-se
Do rei Marmello, que ficára attonito,

Ferrando-lhe na tromba o curvo bico,
Aos ares se arrojou impetuosa,
Mais uma vez salvando-o muito a tempo
De prematura, inevitavel morte.

Não foi longa a viagem, mas p'rigosa;
Que vanguejando o heróe por muitas vezes,
Quasi não quasi esteve a desprender-se
Do bico á enorme arára: porém ella,
Valendo-se das garras, que no couro
De vez em quando lhe afincava, ainda
Que assim aos poucos lhe despia os membros
Das pennas de pavão que o enfeitavão,
Triumphante com elle ás dez da noite,
Sem accidente algum, sobrelevava
O beque do granitico gigante,
Que do *Janeiro* a barra altivo guarda.

Em tres minutos mais, suavemente
Era na cara patria a salvo posto.
Pairava a arára já por sobre as praias
Do tão fallado celebre *Vallongo*,
Commodo pouso a escolher, ah! quando
Do bico, sem querer, o fardo sólta!....
Qual um pedaço de céu velho, PENCA.
Dando no ar não vistas cambalhotas,
Entre cem negros novos, que tristonhos,
Juntos no pateo d'infernal deposito,
Lamentavão do Congo achar-se ausentes,
Cahe d'improviso nú, de mãos p'ra baixo,
De susto, de pavor enchendo a todos!

Mas, ó prodigio! sem quebrar a tromba,
De onde nem mesmo os oculos saltarão!!....

Entretanto ao sentir que lhe escapára
Do bico o mimo seu, grito d'angustia,
De acerba dôr soltando, a horrenda arára
Sem mais nada esperar d'alli se alonga
Porque o não visse em terra espedaçar-se,
E no escuro da noite des'parece.



ENGAPELLAÇÃO V.

Não muito havia que a rosada aurora,
Dando os bons dias ao brasileiro povo,
Se tinha aos bastidores recolhido.
Inda esfregando as palpebras pesadas,
Como quem de máo grado o leito amigo
Deixára de dormir não satisfeito,
Já, no entanto, em seu coche de ouro fino,
Saudado pelo cantico das aves,
Pelos hymnos de amor da natureza,
Corria o espaço ethereo o rei dos astros
De pouco viva luz enchendo a terra
Onde Cabral plantou a cruz primeira.
Não da *Ilha dos Paços* mui distante,
A tal hora sulcava as mansas ondas
Um sujo barco com destino a Campos.

Era a velha sumaca *Hypocrisia*,
Sempre occupada em contrabando outr'ora
Dos tristes filhos d'africana plaga,
E que então só servia, por cançada,
Para os levar do *Rio* ás vesindades ;
Qu'inda uma vez, desconjuntada e podre,
Se aventurava aos mares, conduzindo
Centenas d'infelizes ao martyrio,
Muitos á morte, ao captiveiro todos !

Soltos ao vento os remendados pannos,
Da cidade leal e muito heroica
Que Mem de Sá fundou, a *Hypocrisia*,
Sem temer os *godemes* cruzadores,
Afastava-se aos poucos. Quando ao largo
Conseguiu pô-la o palinuro ousado,
Mandou que p'ra o convés subisse a *carga*
Que no porão trazia agglomerada ;
E chamando o feitor, em breves termos
Deu-lhe a respeito as costumadas ordens,
E para a ré se foi tranquillamente
De cachimbo na boca, as mãos nos bolsos,
A dirigir a nautica manobra.

Logo o feitor indigitado á prôa
Os lazeirentos *guso-sahe* formando,
Com o cabo do relho, qual ponteiro,
Em silencio os contou : depois sentados
Ordenando que alli ficassem todos,

Meditativo a passear entre elles
De um lado a outro lentamente poz-se.
Mas subito parou coçando as pernas ;
E grotesca expressão dando ao semblante,
Emburrado exclamou com voz fanhosa,
Como que a um pensamento respondendo :
« Maldita arára, que ha dous mezes quasi
« Meus planos burla, minha fama espaça !
« Se as aéreas viagens me não dessem
« De noções varias tão profusa cópia,
« Se da terra o mór sabio me não visse,
« Pelo meu genio máo a tomaria.... »
Aqui fez breve pausa ; e emquanto as costas
Com o cabo do relho mal coçava,
Sem que as suas palavras compr'endessem,
Rião-se os *guso-sahe* uns para os outros,
Dos olhos ou nariz co'o dedo em cima ;
Por certo que indicando aos mais, dest'arte,
Do seu feitor o narigão disforme,
E os verdes oc'los, que sobre elle tinha.
Sem dar-lhes attenção, após instantes,
O feitor continuou : « Cheio de sarnas !...
« Negros da Costa feitorando — um genio,
« Que deu brados n'Europa e leis na lua,
« Como accessor do rei Marmello quarto ;
« E que em venturos tempos ha de á gl'ria
« (Confio assaz na minha estrella e sonhos)
« O Brasil conduzir, quando ás finanças
« O-systema applicar em que medita !
« E' realmente p'ra causar espanto ! !...
« E mentecapto chamão-me estes brutos !...
« Com mil diabos chegue a *Hypocrisia*
« A Campos brevemente ; hei de mostrar-lhes

« Quem é, p'ra quanto presta o illustre PENCA
« Que ás argolas, em Coimbra, esteve preso,
« Que a lua viajou, que em tudo é grande,
« Que de pernas p'ra o ar té andar sabe ! »
E nisto dando um certo geito ao corpo
Se firma sobre as mãos, e em tal postura
Veloz deita a correr da prôa á pôpa,
De assombro o mestre enchendo, e alvoroçada
Pondo a tripolação e a negraria.

Quem assim discursava um pouco irado
Do *calhambeque* a bordo, com seus actos
A companha undivága provocando
A desfazer-se em riso, com effeito
Era o famoso heróe, o sabio PENCA ! !...

No pateo do deposito de negros
Nú em pello cahindo (quando a arára
Tentava no *Vallongo* pô-lo a salvo,
Concluida a viagem que da lua
Ao *Janeiro* tão rapida fizera)
Reconhecendo logo o caixa d'oculos,
Que nenhum de seus membros se esnocára,

Apenas torto e assustado ergueu-se :
Ao vê-lo, em confusão, a chusma toda
Dos Africanos que alli 'stava, um grito
Dando ingente, fugiu espavorida,
O interior da casa procurando.
Acudiu prompto de um cacete armado
O dono do armazem ; e vendo um homem
Que nú p'ra elle endireitava affouto,
Bradou alçando o páo :—« Nem mais um passo !
« Diga o que quer ; Quem é ? Donde é que veio ?
« —PENCA sou, respondeu-lhe o heróe famoso ;
« Chego da lua, quero ir p'ra Campos,
« Se é que estou no Brasil, dispôr as cousas
« P'ra mais louros colher, dar lustre á patria ! »
E' certo um doudo, lá comsigo disse
O dono do armazem, fazendo em casa
Entrar a cachações o caixa d'oculos,
Que tanta bulha e susto alli causára.

Tenção foi sua para o pio albergue,
Que então os pobres loucos recebia,
O hospede mandar sem mais demora ;
Mas depois de puxar por elle um tanto,
De ouvi-lo discorrer, mudou de plano,
Por julgar que — no heróe — para seus negros
Um bom feitor achava : e tal pensando,
Comsigo muitos dias o reteve.
Ahi, pilhando uma porção de sarnas,
'Steve PENCA a morrer de um modo inglorio.
Tratárão-no, porém, e mal que pôde
Da tarimba se erguer em que jazêra,

Orphã quasi a deizar a patria *cara*,
N'uma boa, propicia madrugada
Para bordo o levárão da sumaca,
Que desovar em Campos ia a *carga*
De alguns duzentos miseraveis negros,
E nas mãos encaixando-lhe um vergalho,
« Boa viage, amigo, » lhe disserão.

Breve tempo depois a *Hypocrisia*
Os ferros suspendeu, e fez-se á véla.
Quando a aurora raiou, soube então PENCA
Que o *Janeiro* deixava, onde cahira,
E mais que a *Hypocrisia* velejava
Com rumo a Campos. Esta grata nova
Tanto gosto lhe deu, tanta alegria,
Que ao mestre *seus principios* occultando,
Inda que em seu orgulho assás ferido,
O encargo aceitou de guarda-negros ;
Mas para se illudir, p'ra consolar-se,
Reflexionando assim : — « Desta viagem
« Proveitosas lições colher bem posso :
« Humanos não são elles ?... Por ventura
« Não é bom que eu aprenda a mandar negros
« P'ra saber dirigir os outros homens ?... »
Isto pensava, quando o palinuro,
Já feito ao largo, para dar-lhe as ordens
De parte o chama. Prompto as cumpriu elle,
Verificando a carga ; porém logo,
Ao passado levando o pensamento,
Sua aviltante situação compara
Com as gozadas posições, e aquella

Que lhe guarda o futuro certamente ;
E, com idéas taes, se deslembrando
De que era bom saber dirigir negros,
De chofre o seu orgulho revoltado
Faz a explosão, que da sumaca ao mestre
Confuso põe, e á hilaridade excita
Os Africanos todos e a maruja.

Da impressão primeira a si voltando
Lembra-se o mestre que o feitor dos negros,
Pois que o seu amo o prevenira em terra,
Era um pouco *aluado*, e a rir desata :
Mas para termo pôr á vozeria,
Nunca jámais conveniente a bordo,
Um calabrote empunha, e corre a PENCA,
Quando este p'ra seu posto caminhava
Bastante envergonhado e arrependido.
O mestre não bateu-lhe ; ralhou muito :
Tanto bastou p'ra que reinasse a ordem
Durante a longa, mas feliz viagem.
Afóra este incidente, a bordo um outro
Notavel se não deu, que o illustre PENCA,
A soffrer provas taes já resolvido,
Como se lhe off'recião, p'ra o futuro
As lições do momento aproveitava.

Apenas do destino seu no porto
Fundeu a *Hypocrisia*, mais noticia
Ninguem dar soube do feitor dos negros....

Tinha-se posto a pannos, sem que o vissem,
N'um pequeno batel de quitandeiro
Que á sumaca abordou logo á chegada.
Debalde o mestre o procurou em Campos ;
E, perdida a esperança de encontra-lo,
Depois de haver sua missão cumprido,
Ao largo fez-se, com a pròa ao *Rio*.



ENCAPELLAÇÃO VI.

No mesmo instante em que a sumaca immunda
Ia singrando pela barra fóra,
De um engenho que herdára e poucas terras
Tomava o sabio heróe tranquilla posse.
Oh! muito a tempo se apossava dellas,
Que por sahir d'Europa a toda pressa
E da lua tambem — desprevenido,
Os oc'los só trazer comsigo pôde !
Assim, do pé p'r'a mão proprietario,
Dos passados trabalhos á desforra
Começo logo pôz. E astuto vendo
Azada a occasião p'ra dar-se ao prélo,
Nas eleições metteu-se, e nas trapaças
Immoraes dos partidos, que da lama
Minhocas tantas fazem vir á tona.

Nesta de Santa Cruz terra bemdita,
Onde mais do que as letras valem trêtas,
Nunca difficil foi a qualquer sciolo
As posições galgar mais altaneiras.
De mãos dadas ao negro patronato,
De ha muito no paiz reina a impudencia :
E emquanto mais a impostura sobe,
O merito real, envergonhado,
Esquivando-se a lutas diffamantes,
A' mingua morre na modestia occulto !
Para quem não tem brio a quadra é boa,
Que é p'ra quem menos faz a recompensa,
P'ra o mais adulator o maior premio !

Summamente ronhoso, o caixa d'oculos,
O tempo conhecendo em que vivia,
Tanto ao seu genio e planos favoravel,
A' scena, pois, impavido atirou-se
(Quem se não ha de rir) como politico,
Quando para lavrar tinha umas terras!....
E quantos no Brasil assim procedem! ...
Então a estes bajulando, a outros
Illudindo com arte, os vis comprando,
Os contrarios vencendo pela intriga ,
Do bairro o *dunga* conseguiu fazer-se,
Eleitor, juiz de fóra ou *juiz de dentro*,
Emfim o que lhe aprouve. Emquanto ha vento
Manda o proverbio que se molhe a véla :
Elle bem o sabia ; era a sua regra.
Com surpresa geral em breve tempo
Mil votos pilha, e ei-lo já *parlante*
Da *salinã* primeiro e após *da sala* !

O que fez por ali sabem-no todos ;
Muitas vezes fallou sem dizer nada,
Quasisempre *grunhindo* em lingua estranha :
Era hebraico talvez, se não *caçange*.
É certo que ninguem suas arengas
Compreendeu jámais, nem theorias :
Inda, porém, mais celebre tornou-se,
Pois, quando apenas começado havia
As suas monodias enfadonhas ,
Roncava o auditorio a somno solto.
Sua impicante voz tinha em gráo alto
Do opio e dormideiras a virtude.

PENCA, elevado a posição tão alta,
Não se conteve mais : vendo que tempo
Era de pôr os pés no *paço do ouro*
Para levar a effeito os seus projectos,
Tapete se tornou de alguns magnatas ;
E, porque assim prestou-lhes bons serviços,
Emfim obteve o que almejava tanto :
Ser o *mesario-mór* de tal palacio !
Ahi não foi, porém, bem succedido ;
Timoneiro apoucado, que os arroubos
Do genio comprehendem não pôde nunca,
Para a rua o mandou trocar as pernas,
Sem de mostrar o que era dar-lhe ensejo.
Dez annos se atrazou por isso a patria,
Cabindo o heróe nos exercicios findos !!
Mas valeu-lhe um recurso ; a fazendola,
Que á matroca deixára quando á côrte
Se transportou *parlante*. Homem p'ra tudo,

A trastejar se poz : deu-se á quitanda
De côcos de catarrho, aipins, bananãs,
E outros productos que das roças vinhão,
Cujo preço indagava cauteloso
Pela *Praia do Peixe* antes de expô-los.
Como, porém, das frutas o preciso
Para nova casaca não tirava,
Nem para abarrotar a larga pança
(Que alarve sempre foi, sempre guloso)
Guilhote fez-se; e para haver dinheiro,
De um privilegio que nas leis se funda
Arteiro desistindo, a dous ou quatro
O engenho hypothecou! Feito *o negocio*
Do mesmo privilegio quiz valer-se
Para a todos lograr!!... Se este de fundos
Movimento acertado o financeiro
Felizmente alcançou, não reza a chronica:
É sabido, porém, que de outras muitas
Operações de credito, penhoras,
E varias citações — pela *tangente*,
Sempre sahiu-se bem; como, se ignora.

Aos seus o diabo ajuda: o caixa d'oculos,
Quando em tal não pensava, da barriga
Viu a sella cahir-lhe; e de repente
Satisfeita a ambição que o verberava....
Era emfim *Timoneiro*!! Mas que importa?!..
Nada pôde fazer a bem da patria,
Pouco em seu beneficio.... Findo um anno
Do poleiro cahiu, levando táboa;
E ei-lo aos páos outra vez por essas ruas.

Com este inesperado contratempo
Não esmorece o heróe, mette-se em casa ;
E no *palacio do ouro* a mira pondo,
Dispõe-se a dar-lhe um vigoroso assalto !

Trabalhou, trabalhou, seis longos annos
Sem descansar um dia!.... Com protestos
De fingida amizade, astutamente
Dos homens rodeiou-se mais versados
Nos do palacio grande assumptos varios ;
E desta sorte a experiencia longa,
As alheias idéas, o talento
Tanto quanto podia utilizando,
Foi sorrateiro as cousas predispondo
Ao fim que tinha em vistas : — elevar-se
Para gozar folgada e santa vida,
Da *onça* que o filava libertado ;
Dar em terra com tudo que existia ,
A'm'nistrativas regras, e o systema
Do fisco, das finanças conhecido
(Que para melhor ser talvez bastasse
Torna-lo inda mais simples) para a salvo
Na patria sua introduzir o *mixto*,
Que na lua aprendeu, e as leis sublimes
Que de *Vasa-barris* o estado regem ;
A' custa alheia proclamado ver-se
Genio em finanças, contador subido
(De historias, porque não?) economista,
Como nunca foi Say, Culloch, Smith ;
Do palacio o mandão fazer-se ; a chave
Ter elle só do machinismo todo,
Porque assim necessario se tornasse

Aos mesmos *Timoneiros* ; dependentes
Centenas de homens ter dos seus caprichos
Para o moto lhes dar, que lhe aprouvesse ;
Fazer-se emfim o rei de um novo estado,
Dos vassallos senhor absoluto !

P'ra melhor conseguir os seus intentos,
E de todo engalar os que o servião
De tanta boa fé, com sacrificios,
Zelo e dedicação, o heróe matreiro,
Adoptando as idéas que indicavão,
Sem o projecto seu patentear-lhes
(Que se o vissem não mais o ajudarião)
No *systema lunar* os enxertava.
Mas desta, ligação de oppostas cousas
Tal farragem sahiu, tal mistiforio,
Que elle proprio o seu plano de reforma
Não entendia mais no fim da festa :
Pois se tentava analysa-lo em partes,
Qual varejeira que d'aranha em têas
Voando se intromette, e mais se enreda
Quanto forceja mais por libertar-se,
O eterno cupim, *reforma-tudo*,
N'um labyrintho via-se mettido
Sem nunca mais poder achar-lhe a porta.
Não era já da lua ou só da terra
O *angú financial*, era de ambas ;
Ou antes era só do caixa d'oculos !
Outro, porém, o embaraço fosse,
Cem mil vezes maior, se era possivel,
Que prompto o sabio PENCA o arredára.
Nada, comtudo, fez por melhora-lo,

Porque assim como estava lhe convinha
O seu confuso, esdruxulo projecto.

Preparado julgando-se p'ra o bote,
A mexer os páozinhos sagazmente
O heróe começou ; tudo esperando
De uma de scenas mutação no imperio.
Não a esperou debalde ; a sua estrella
Deu-lhe raios de luz em negra noite,
Deslumbrante sorriu-lhe em hora aziaga !
Geral transformação n'um dia a patria
Com abalo soffreu, houve até sangue !
E ao grande choque, de cupins damninhos
Quebrando-se a maior, mais larga casa
Que o Brasil tinha em si, como um possesso
Della voando sahe, do sul ao norte,
O extravagante genio das reformas,
Qual um touro berrando, o facho em punho :
« Abaixo o que está feito ! abaixo ! abaixo !
« Haja reforma radical no Estado !
« De pernas para o ar vire-se tudo ! »

Tão destampados gritos escutando,
« De pernas para o ar?! » exclama o PENCA
Pulando como um louco ; « Eis o momento !!... »
E sem mais reflexão, sem mais delongas,
De um funcionario illustre a casa invade,
E promettendo a publica riqueza
P'lo seu novo systema financeiro,
Uma vez que o poder lhe fosse dado,

Em breve espaço triplicar, conseguê
Os umbraes outra vez do *paço do ouro*,
Não já mesario-mór, transpor altivo
Como grande bachá, *Petrus in cunctis*.

Senhor da situação por carta branca,
Um dia lhe bastou para o trabalho
Affouto aniquilar de tantos annos,
Pondo logo em vigor a troche-moche.
O seu *mixto systema de finanças*
Lunatico-pencal — centralisante —
Protelista — chicaneo — estapafurdio!
Foi completa a inversão! Em pouco tempo
Era a desordem no *palacio do ouro*,
Em cáhos transformado! Jubiloso,
Nas obras se revendo, o eximio PENCA
Seguro pela cega confiança
Do patrono influente e poderoso,
Que tão grande o fizera, expansão larga
Não trepidou em dar desde o principio
Ao genio seu maligno: o intento nobre
Do illustre protector nullificando,
Da posição valeu-se para tudo!
O seu primeiro acto da molestia
Entrega ao leito um servidor antigo:
O segunde põe outro em desespero,
Que para lhe fugir o posto deixa.
Dos beneficios deslembrado, ingrato,
Espesinhou aos mesmos que o servirão,
Antes de ser bachá, com seus talentos.
De uma escolta de olheiros rodeiou-se
Para nada ignorar de tudo e todos;

(Que bons officiaes p'ra o santo-officio!)
E tanto a geito os poz, que um, sem ter pejo,
Não duvidou em salva um copo d'agua,
Que pedira, servir-lhe em plena casa!

Muito antes que o sol, depois que PENCA
Em tal altura um'outra vez achou-se,
No espaço houvesse trinta gyros feito,
O desanimo, o tedio entre os *soberbos*
Dos governados seus apparecia.
Quasi geral manifestou-se o enjôo,
Quando a provas chamados, — servidores
No officio encanecidos, um joguete
Nas mãos de um zote virão-se, e obrigados
A' farça a mais ridicula : o pedante,
Arvorando-se mestre, de algibeira
Com perguntas asnaticas, em tratos
Poz de muitos o brio e a paciencia :
De muitos que lições podião dar-lhe,
Mesmo do portuguez que nunca soube
(Mas por não se occupar de bagatelas
E só a estudos serios entregar-se).

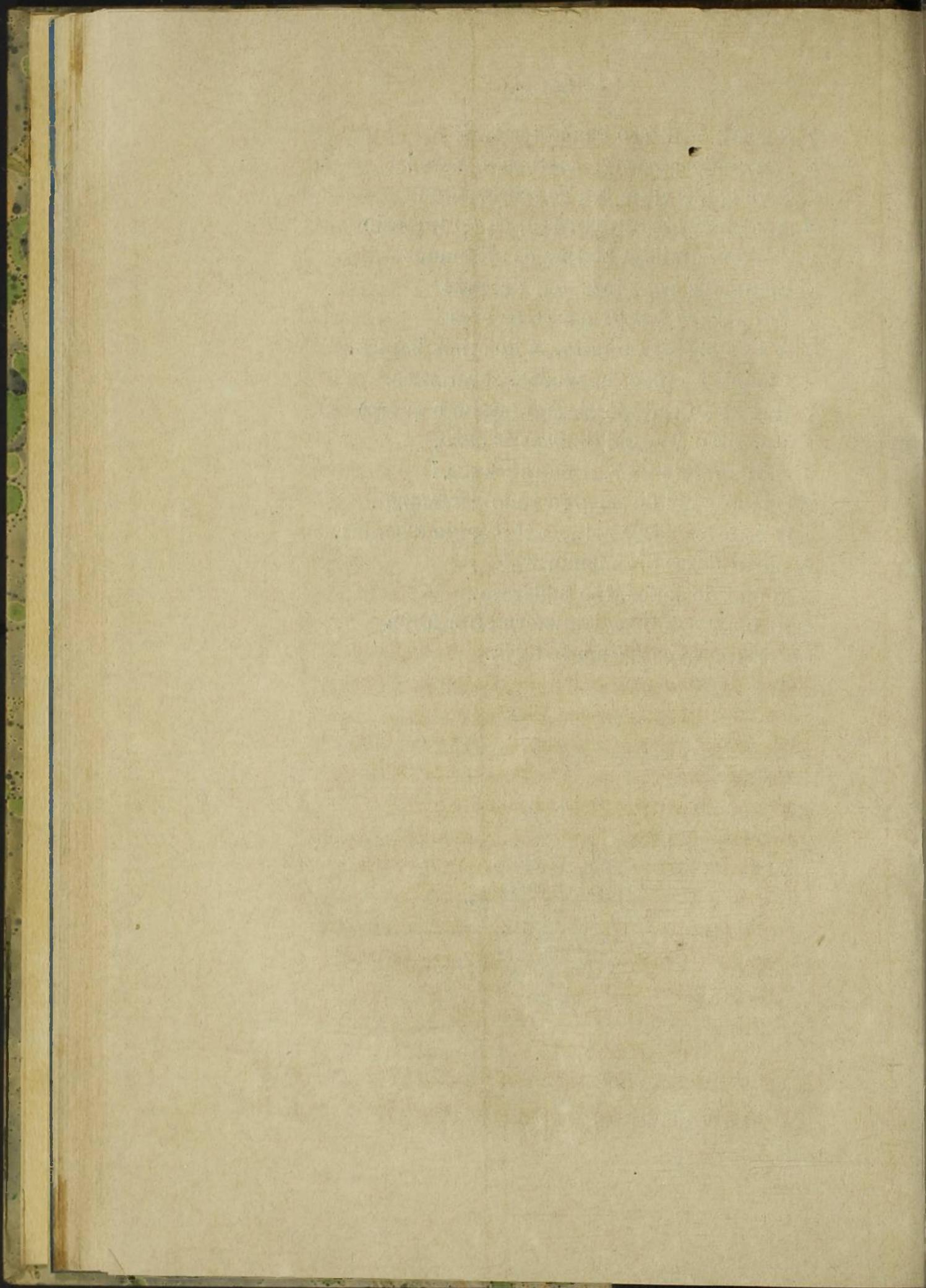
Sempre que ha provas no *palacio do ouro*
Se baba de prazer a mãe Sandice....
Capa de muito embuste e alicantinas,
Sómente aos afilhados aproveitão;
Aos que sabem presentes enviar-lhe
De gulodices de que tanto gosta,
E aos intrigantes e bajuladores.

Foi geral o clamor no fim das provas ;
Isto sempre acontece : que a justiça
Que ao sabio PENCA inspira não é cega,
E se balanças tem, não pesa o merito,
Ou pesa-o p'lo systema das tavernas.
Grande foi o clamor: baldado esforço !...
Algures já louvor não teve a peste ? !....
Para gratos mostrarem-se, os felizes
Derão depois da farça comezaina !
Cotisando-se logo, um banquetação
No campo ao tolineiro offerecêrão ;
De onde até ás estrellas o seu nome
Alegres entre vivas levantarão !
Ahi o heróe comendo á tripa forra,
Trufarias jogou muito applaudidas :
Ahi, dos seus reconhecendo o grupo,
Para tudo notou que tinha gente ;
Gente para no estribo o pé metter-lhe,
Alcouces lhe arranjar p'r'as entrevistas
Co'as *tostadinhas servas camiseiras*,
E até p'ra desfazer algum alcance.

Quando findou-se o tão famoso brodio,
Atestado p'ra o lar voltando, PENCA
Satisfeito dizia ; — « Tenho escravos !
« Maior de que ser quiz me vejo agora :
« Sou filho da fortuna !.... poderio
« Deu-me a sorte inda além dos meus anhelos !...
« Ou leve-me o diabo, ou hei de em breve,
« A' condição mais baixa reduzindo
« Esses plebeus, tescões rabiscadores,
« Como senhor mandar no *paço do ouro* ;

« Ser alli o tutú, o irmão terrível,
« O grande *Vidigal!* melhor, o Nero!
« Bem como vi na lua os escreventes
« Aos chefes tão submissos, cá do Imperio
« Hei de humildes tornar os altanados
« Estupidos copistas: não de balde
« Fui a *Vasa-barris* por esses ares.
« A tres braças de mim, já de olhos baixos,
« Chapéo na mão, curvados, reverentes,
« Hão de ao ver-me clamar (assim o quero)
« Saude ao Vidigal do *paço do ouro*,
« O financeiro mór, illustre PENCA!
« Oh! que hei de ser p'ra tudo *necessario*,
« O *homem* do Brasil!.... » E o caixa d'oculos,
A partir desse dia memoravel,
Tão ousado se fez, tão poderoso,
Que o *paço do ouro* transformou á força
De vis escravos n'uma feitoria.





ENCAPPELLAÇÃO VII.

O' genio tutelar das bagatelas,
E vós do louro Apollo ó gentis filhas,
Que de sucia co'a *Zanga*, complacentes,
Na tão difficil, temeraria empreza
D'erguer padrão eterno ao caixa d'oculos,
Me haveis até aqui prestado auxilio,
Aticai do meu estro o fraco lume,
Inspirai-me de novo, e tezas pondo
De todo instrumental as bambas peças,
Regei o canto meu, acompanhai-me,
Para que eu, dignamente, o caso estranho
Que mór fama lhe deu, expondo agora
Aos posteros dos posteros o leve!

Na *Chaussée des Chevaux* modesto albergue
O illustre PENCA habita. Não dissereis

Ao ver-lhe o tão singelo frontispicio,
Que alli se aninha o genio portentoso,
O financeiro mais profundo, o sabio
Em que repousa deste imperio a gloria,
D' humanidade a esperança, honra do seculo!
Certo não pensarieis que alli dorme,
Alli obra, manduca e raciocina
O celebre estadista, o mathematico
Que em si resume de Turgot, de Newton,
De Colbert, de Sully todo o talento!
Tanto é verdade, que nem sempre o carro
O individuo que transporta inculca.
Certo não pensarieis que tão raro,
Estupendo nariz (se não é tromba)
Que nunca viu, nem verá mais o mundo,
Cabe alli dentro e se accomoda e cheira:
Isto por arte do seu proprio dono,
Que em tudo é maravilha, é grande em tudo!...
Onde elle o tal nariz metter não ha de?!!...

Nesse modesto albergue um gabinete
Existe, onde trabalha o financeiro,
Quando no paço em que é senhor despotico
A espezinhar os *subditos* não anda:
Ahi o illustre PENCA nos domingos,
E nos mais dias ao correr da tarde,
Prazenteiro recebe a côrte sua;
Sucia de caudatarios dignos d'elle,
Satellites constantes, que os *soberbos*
De seu lado p'ra sempre afugentárão.
Ahi os taes tratantes barrigudos,
Compadres, afilhados, protegidos,

Se ajuntão, sempre para dar-lhe novas;
Mesmo para fallar do alheio merito,
Que a uns empréstão, de outros muitos roubão :
Para ao seu *grão-senhor* queimar incensos,
Louvando-lhe o talento e os grandes actos ;
« Para á mesma commua acompanha-lo,
« Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
« Lavar-lhe o magro.... e até beijar-lh'o.

Ahi, quando está só (raro acontece)
A' banca do trabalho elle se gruda ;
E, descansando sobre as mãos a fronte,
Por longo espaço permanece immovel
A meditar em planos *metaphysicos*
Que á publica riqueza as fontes abrão ;
A resolver mil calculos sublimes
Da sciencia economica, aprendida
Dos credores á custa ; e sobretudo
Nos mais seguros, efficazes meios
De conter seus vassallos nos limites
Da escravidão mais *doce* que a dos negros
A quem um *bom* feitor trata a chicote
Dia por dia, sem cessar um'hora !
De contê-los, emfim, bem dentro sempre
Do circulo de ferro que traçára,
Delles em roda, com tão grande esforço,
Comprando alguns e corrompendo a muitos !
Depois da reflexão, a nobre fronte
Èrgue radiante com sorriso dubio,
E começa a escrever..... seu nome apenas
No que do paço em pastas lhe mandárão,
Sem que saiba o que faz ; tanto confia

Nos seus burros de carga, a quem por premio
Arruma um pontapé no fim de contas;
Qual o que pretendeu Napier da Russia
Com ferrados sapatos dar nos queixos.
(Antes o dêsse deste Czar nas ventas.)

Era no tempo em que, do capricornio
Para o norte fugindo, o rei dos astros
Ao equador chegava; a noite humente
Já de Colombo sobre o mundo tinha
Seu negro véo inteiro desdobrado;
Quando o heróe, os olheiros despedindo,
Depois de ter do dia ouvido as novas,
Ao gabinete os passos dirigia
Para ás assignaturas dar começo;
Ardua tarefa, mas gloriosa, que elle
A' mente sua, ao seu talento impunha.

Logo que á mesa se assentou, da campa
O badalo tres vezes sacudindo,
Mesmo no escuro, de pejadas pastas
Foi desatando os apertados laços,
Emquanto a luz não vinha que pedira.
Ao signal, com as velas do costume,
Diligente acudiu a mãi Maria;
E pondo-as cautelosa sobre a mesa,
Junto a ella ficou, triste o semblante,
A ver o illustre PENCA dar á unha.

Nonagenaria preta ex-quitandeira,
Que de ha muito o heróe acompanhando,

Fiel bem bom patacos já lhe dera
Das vaccas magras nos passados tempos,
Gozava a encarquilhada mãe Maria,
Na casa do senhor, de liberdades
Que os mais servos não tinham : inda forte,
No uso da razão, máo grado os annos,
Era pra o sabio PENCA um alfarrabio
De curiosas noticias que a miudo
E attento consultava ; pois que a velha
De memoria feliz, intelligente,
Comquanto a bruxarias fosse affeita,
Dada á superstição, dada ao tinhoso,
Do Marquez de Pombal sabia a historia ;
Vira o logar salgar-se onde habitára
O infeliz Tira-dentes ; muitas cousas
Dos Vice-reis contava ; e sobre a fronte
Já de quatro reinados lhe pesavão,
Fecundos em successos, longos annos.
Algum respeito lhe votava o PENCA,
Que ao nascer mãe Maria achára em casa.

Por habil mezinheira conhecida,
Era quem as calmantes lavativas
Pra o grande financeiro, em guéla enorme,
Cuidosa preparava, quando ao cerebro
Subia-lhe o calor, depois das lidas
Do trabalhoso officio que exercia ;
Quem lhe fazia innumerados serviços ;
Não poucas vezes quem o aconselhava.

Depois de ter o nome rabiscado
Em quasi toda a immensa papellada,

Por acaso voltando á velha os olhos
« Que fazes, mãe Maria? perguntou-lhe.
« — Ai ! menino ! lhe torna suspirando !
A que as *aguas-do-monte* viu por certo :
« Penso que tanta escripta vos acaba ;
« Que estas continuadas trabalheiras
« Podem antes de tempo a morte dar-vos !...
« Para que tanto esforço? O reino acaso
(Imperio ella ao Brasil não chamou nunca)
« Não conhece de mais vosso talento ?
« Pombal Segundo não vos chama o povo ? !..
« Aos subditos mandai que tudo escrevão,
« Já que o pão lhes pagais tão generoso ;
« E agora descansai, que é mais que tempo.
« — Que queres, mãe? Não tenho quem me ajude !
Segundo o seu costume o PENCA brada,
Sobre a mesa atirando a pluma nova
Com que as alheias obras assignava :
« Não tenho quem me ajude ! Afóra uns quatro,
« Entre burros me vejo, entre malandros,
« Que, fallando em progresso e liberdade,
« Mais sabios do que eu se julgão hoje ;
« Do que eu, Maria, que os tirei do nada !!
« Sem como Argos ter um cento d'olhos
« Só eu no *paço do ouro* vejo tudo,
« Dirijo a todos, fiscaliso as cousas
« Desde os telhados, mãe, até ás portas !
« Ninguem vai p'ra diante sem ouvir-me :
« Se eu faltasse, ia á garra essa marmota !
« E ainda assim de louco me appellidão !
« Não a gente de sizo, mas os tolos
« Que d'Europa as escolas não cursárão,
« Nem forão, como eu fui (unico exemplo !)

« Lá no mundo da lua, as tão perfeitas,
« Sublimes theorias financeiras
« Estudar, aprender c'os grandes mestres.
« Não tenho quem me ajude; eis porque sempre
« Abarbado me vês com tanta escripta!
« — Porque os não apertais? responde a velha:
« Não sois alli senhor? — « Oh! se os aperto!
« P'la mais pequena falta os magros cobres
« A' bolsa lhes arranco; a pão e agua
« Reduzindo-os n'um mez bem como aos filhos,
« E a mais gentalha das familias suas.
« Continuamente sob a vara os trago
« Qual rancho de perús domesticados.
« Pimpões ha inda alli; comtudo poucos:
« Se os não puder torcer, hei de quebra-los.
« Nada sabem, porém, quer uns quer outros,
« E é disto que me queixo, ó mãi Maria.
« — Como vos enganais, meu filho, como!...
Triste a negra lhe volta: — « Não são poucos
« Os que em desprezo teem vossa pessoa,
« Ou vos odeião muito! Além da côrte,
« Que as mãos vos beija porque estais de cima,
« Com os mais não conteis! — « O'mã, que dizes?
« Aqui nas minhas mãos os tenho a todos!
« Não temo os odios seus; não me acobardas.
« Se hoje tonta não 'stás, certo caducas.
« — Pois ouvi, lhe retorque a mãi Maria;
« Por estas contas santas, que aqui trago.
« E por estas reliquias (n'isto um molho
De bentinhos lhe amostra e bugigangas)
« Que vou dizer-vos a verdade juro.

« Ha tres noites sonhei que *o paço do ouro*

« Em peso contra vós se tinha erguido ;
« Que não querendo um só dos escreventes
« Convosco mais servir, se concluiárão,
« E por des'creditar vosso governo
« As diarias tarefas não fazião :
« Que, lavrando a zizania d'alto a baixo,
« N'um momento atrazárão-se as finanças,
« E tísica ficou do Estado a burra.
« Que então p'ra dar-vos xeque o povo em massa
« Levantou-se bramindo como um tigre,
« Clamando que ereis vós de tudo a causa!...
« Para á geral desordem pôr um termo
« Debalde os escreventes ao trabalho
« A obrigar correstes : logo á porta
« Com um dos taes infames deparastes,
« Que, sem caso fazer das vossas barbas,
« Da cabeça o chapéo de abas torcidas
« Ai ! nem sequer tirou!... Ardendo em raiva
« Prompto subistes *do palacio* a escada,
« Para á sala maior vos dirigirdes ;
« Em vão lá ir quizestes, que os malandros,
« Com grandes calhamaços, barricadas
« No *paço do ouro* construindo, ousados
« Vos recebêrão quando alli chegastes,
« Em grande alrotaria, com metralha
« De sujós documentos emmassados,
« Com muita papellada carcomida!
« De chapéós na cabeça estavam todos ;
« Nenhum se descobriu quando appar'cestes :
« E a tanto chegou seu desrespeito,
« Que, além da immensa vaia que vos derão.
« Oh ! muitos, muitos de carvão munidos
« Do paço nas paredes mil infamias

« Contra vós escrevêrão, indo até mesmo
« Nas secretas pintar vosso retrato!!.... »

Tal ouvindo o heróe se ergue raivoso
E grita á negra: « O' mãe, nem mais palavra;
« Não quero ouvir-te mais; põe-te lá fóra! »

Mas, sem mexer-se, a velha [continúa:
« Querendo o sonho meu ver se era certo,
« A' meia noite de honte o cão tihoso
« Evoquei dos abysmos p'ra fallar-me.
« De cumprir-se não tinha o sonho inteiro,
« Porém só parte delle; isto voś baste.
« Apertai, pois, ó filho, o torniquete,
« E dai forte p'ra baixo nos canalhas,
« Que assim conservareis o vosso imperio. »

Mais calmo, PENCA torna-lhe sorrindo,
Como se taes annuncios desprezasse:
« Tomarei teu conselho, fica certa;
« Deixa-me agora só: vai-te, Maria. »

Logo que a velha retirou-se, absorto
Ficou por largo espaço o financeiro:
Pensava sobre o caso; inda que sabio,
De acreditar em sonhos não deixava;
Dos vassallos sabia-se odiado,
E, combinando os factos, viu com medo
Que, opposto ás vistas suas, novo aspecto

Ião tomando as cousas ; que altanaços
Os subditos p'r'ás folhas escrevião,
Seus actos censurando ; que nas ruas
O chapéo na cabeça conservavão,
Fazendo que o não vião ; finalmente,
Que a falta de severa disciplina,
Em descredito seu, compromettia
As finanças do Estado. Então da caixa
Com tres dedos tirando uma pitada,
Com grande ronco de um só jacto a sorve,
Encostando depois ao peito a barba.
« Nesta attitude estúpida e trombuda,
« Qual um bezerro desmamado fica, »
A reflectir n'um prompto, efficaz meio
De evitar da nação a banca-rota,
Por um acto de estrondo, ao mesmo tempo,
Dando um golpe mortal na rebeldia
Que os atrevidos subditos mostravão.

« Achei!! achei!! bradou subitamente
O illustre PENCA, sobre as mãos cahindo,
E de pernas p'ra o ar p'lo gabinete
Correndo como um louco.— « Oh! dei no vinte!
« *Chapeau bas! chapeau bas!*.... é este o meio
« De o meu alto poder patentear-lhes,
« De a todos reduzir á ignominia! »
Poz-se depois em pé, continuando:
« O' de *Vasa-barris* optima usança!....
« Que inspiração lunatica sublime!
« 'Stá salva a patria! a eternidade é minha!! »

Ào barulho que fez tremeu a casa

Lá desde a cumieira aos alicerces.
Os domesticos seus estupefactos,
Para saberem do alvoroço a causa,
De tropel invadirão-lhe o aposento ;
Emquanto no quintal passaro enorme
Clamava satisfeito — *Arára! arára!*
« Podem se retirar que não foi nada,
Aos seus o PENCA disse: — « Um pensamento,
« Que louco de alegria me fez quasi,
« A bulha motivou que ha pouco ouvistes. »

Nessa noite o heróe tranquillo somno
Dormiu, sonhando uma vez mais co'a gloria
Mettida n'um chapéo de abas viradas.

Quando ao *palacio do ouro* no outro dia,
A' hora do costume transportou-se,
Ao entrar na cocheira, um escrevente,
Que elle havia expulsado por malandro,
Acintemente, ao vê-lo, da cabeça
O chapéo não tirou! que desaforo!....
Lembrou-se PENCA então da mãe Maria ;
Mas sorriu-se do insulto, pois na vespera
Tinha do circ'lo achado a quadratura ;
O meio de acabar com taes abusos,
Entre os servos plantar a disciplina
Porque o senhor do paço nelle vissem,
E fazer prosperar do Estado as rendas.

Lentamente subindo ao pavimento, e
Curvado mais que nunca, pensativo,
A' grande sala encaminhou-se PENCA
Sem fallar a ninguem; no rosto a calma,
Firme no passo, mais comprida a tromba.
Ao vê-lo assim tão serio e tão corcunda
Pensárão logo muitos que elle aos hombros
Os destinos da patria carregava;
Que ia descortinar-se algum mysterio;
No paço ter logar successo grave.
Entrou, e atrás de si fechou da sala
As portas cauteloso!.... Pasmou tudo!....
O que lá fez, que disse, ninguem sabe:
Quando sahiu, porém, vinha radiante.



ENCAPELLAÇÃO VIII.

Depois da mysteriosa conferencia,
Nos suinos olhos do famoso PENCA
Vivo prazer a seu pezar brilhava.
Novo *Jacques Ferrand* no corpo e n'alma,
Desejára occultar o que sentia ;
Mas a sua emoção era tamanha,
Que debalde compunha a carantonha.

Foi á noite a um saráo; nunca o guilhote
A festanças faltou de paparola :
A esta com razão maior corria.
Guloseimas ahi metteu no bucho,
« Onde nunca o fastio achou guarida, »
Quantas ás largas ventas lhe arrumárão,

Bebendo-lhe melhor. Cheio d'esp'ranças,
Desfrutavel esteve ; e lambareiro
Taramelou assás ; mas o segredo
Do Estado a ninguem disse... Era um mysterio!
Quando não teve mais que dar aos queixos,
Himpando á casa regressou contente
Nos futuros successos reflectindo,
Que ião dar-lhe renome e fama eterna.

Tudo disposto e acautelado estava ;
Pois em tempo, do paço á guarda tinha,
Como habil general, valente, energico,
Ordens severas, terminantes dado.
E ai dos que as não cumprissem ! qu'elle aos bravos
Fazendo reprehender um commandante
Que a seus caprichos sujeição negára,
Já seu poder manifestado havia.
Do porvir, pois, seguro, de um recurso
Contando certo o portentoso effeito,
Tarde bastante se atirou na cama
Pelo sol do outro dia suspirando.

Na seguinte manhã, quem tal diria !
Estava salva a patria !! Turba immensa
De boqui-abertos pasmos funcionarios
(A quem elle arrancára da miseria)
A' porta da cocheira, inda na rua,
Pela boca de um *bravo*, em voz bem forte,
De grande novidade era informada,

Transcendental medida financeira,
Com phrase curta e expressivo gesto:
« *Chapeau bas! Chapeau bas!* » — Embascados
Por algum tempo, com a calva á mostra,
Admiravão todos em silencio,
Concentrados em si, do grande homem
O talento profundo, a enorme tromba,
A astucia, o tino, a vastidão da idéa.

Inimigos, porém, da autoridade
Os *sobertos* revoltão-se, bradando
Que era a medida estúpida, infamante,
Offensiva do brio, um vilipendio,
Uma affronta sem nome! E secundados
Por outros *insolentes*, pateada
Redonda intentão dar ao sabio PENCA,
Que um serviço real prestava á patria,
Erguendo-a assim de inevitavel ruina!!
Ah! quando foi jamais que idéas novas,
Que não compr'ende o vulgo, dos humanos
Sem luta conquistárão a intelligencia?!..
N'uma masmorra Galileu não 'steve?
Graças, porém, á lei da força bruta
Frustrou-se o tão nefando, horrído intento:
A prisão de um ou dous impoz a todos.
No entanto os fraldisqueiros caudatarios,
Que as acções do *senhor* quaesquer applaudem,
A tanta audacia e reluctancia enfião,
E apatetados mudamente se olhão.

Mas subito fugindo á pasmaceira
A um novo berro — *Chapeau bas! cânalhas!*
A outros que chegavão dirigido,
Com freneticos hymnos, brados, vivas,
Com tres *hyys*, tres *hurrahs* estrondosos,
Que da cocheira ao tecto a um tempo erguêrão,
Da patria ao salvador, o caixa d'oculos,
De entusiasmo cheios victoriárão!
Não foi preciso mais: o povo em massa
Na rua agglomerou-se, perguntando
De tão grande alegria a causa ingente:
Os moleques tambem, os infalliveis
De taes actos juizes competentes,
Da resposta á espera alli se achavão.

Bem como avulta logo em qualquer praça
A pequena assembléa de vadios
Que de dous gallos presença a briga,
Em frente ao *paço do ouro* o ajuntamento
Dos curiosos cresce dentro em pouco.
Daqui, dalli afflue o povo em bandos:
Que, electrica centelha, em breve tempo
Na cidade correu de um ponto a outro
Do caso estupendissimo a noticia!
Mais contê-lo não póde a estreita rua,
Desde o palacio, então sem calçamento
Té ao proximo campo: transformada
Por copiosas chuvas esta parte
Em fundo tremedal, fetido e negro,
Mal de um peão ao transito off'recia
Uma acanhada e lubrica vereda.

Por semelhante causa, p'r'a direita
Só podia estender-se a turba-multa ;
Era pequeno o espaço: muitas casas
Invade o povo á força; enche as janellas;
E o resto nos telhados se apinhôa.

Os que inscientes do grandioso factó,
Sem saberem porque alli se achavão,
A perguntar começo — « Que ha de novo?
« Que sublime, que extranho, alto successo
« Por tal modo alvoroça os Fluminenses,
« Que os faz assim correr ao *paço do ouro*?!
« Achou alguém acaso a tão buscada
« Pedra philosophal, ou mina aurifera
« Mais fecunda que a mais da California?!
« Ou por amplificada santa bulla,
« A favor do progresso e a bem da patria,
« De todo os feriados se extinguirão?! »
Em altos gritos procuravão muitos
O motivo explicar do ajuntamento ;
Mas ninguem se entendia. Por encanto,
Morno silencio succedeu-se á bulha....
Então o ensejo aproveitando logo,
Da larga porta da cocheira *angusta*
Uma voz proclamou á populaça:
« Num abysmo a cahir esteve a patria!
« Os cofres da nação a olhos vistos
« Entisicavão por ignota causa....
« Aqui dentro a anarchia alçava o collo!
« Os madraços, furtando-se ao trabalho,
« Sob futeis pretextos muitos dias,

« Ousavão reclamar o jornal todo
« Com insolencia incrível. Atrevêdos,
« Do seu senhor á casa outros não ião
« As zumbaias fazer-lhe necessarias.
« Outros, já sem temor, se elle uma escripta,
« Que má julgára, lhes rasgava em face,
« Da triste condição de jornaleiros,
« Da sua baixa laia deslembrados,
« *Raixa* mostrando no rubor do rosto,
« Desaforados respingar querião!
« Em vez de, vis escravos, se humilharem
« A quem o jus do mando tem sobre elles,
« Todos querião ter a idéa livre,
« Livre o direito de escrever p'r'as folhas;
« Livre o direito de pedir mais cobres.
« E para ser a situação mais triste,
« Quem póde a sangue-frio ouvir tal cousa!
« De chapéo na cabeça entravão todos
« No sagrado recinto; oh! sacrilegio!
« Onde seu throno tem o illustre PENCA,
« Famoso economista, o financeiro
« Mais consummado que tem visto o mundo!!
« Não dormitou, porém, o mathematico;
« Novo Archimedes, mas em menos tempo,
« Medida salvadora a mal tão grande
« Procurou.... descobriu—*péo! péo!* gritando
« *'Stá salva a patria! a eternidade é minha!* »

Aqui foi do orador a voz coberta
Pelos da multidão vivos applausos,
Que por cima e por baixo, ao sabio, ao genio,
Homenagem prestava enthusiasmada.

Logo que a trabuzana, a berraria
Um pouco sérenou, mais animado
Expressiu-se inda assim quem já fallára :
« Ninguem mais os umbraes deste recinto
« De chapéo na cabeça invadir póde ! !...
« Eis a medida que do abysmo ás bordas
« A nação suspendeu !... Deve-se ao PENCA
« A bonança em que a patria existe agora !
« Sómente a elle, cuja mente ousada,
« Oh nunca ! nunca em conceber portentos,
« Produzir maravilhas cousas destas
« Nunca fallivel foi, nunca foi lerda ! !.... »
Calou-se a voz, e da cocheira os écos
Longo tempo bradárão—*erda! erda!*

Ao auge do prazer levada a turba,
Rompe de novo em fervidos applausos :
« Viva ! viva o bachá do *paço do ouro*,
« Do Brasil salvador, rei das finanças ! »
Com taes demonstraões a molecada,
Não satisfeita já, entre assobios
Pede que o genio ao seu triumpho assista.
Dos moleques a idéa o povo adopta,
E a berrar principia — « A'scena o genio !
« A'scena o illustre PENCA ! á scena ! á scena ! »
Do reboliço aqui redobra a força :
A presença do heróe exigem todos,
Soltando acclamaões, vivas de estrondo.
Bradão muitos, em vão, que elle esta longe ;
Que não póde tardar, outros observão.
Ninguem quer attender ; cresce o tumulto.
Em vesano furor alguns accesos,

Crendo que elle, modesto, se occultava,
Tentão no *paço do ouro* entrar á força
Para de perto verem-no a seu gosto,
E ante o povo trazê-lo. — Oppõe-se a guarda...
Já ia começar grave desordem
Quando fóra se ouve — « Ei-lo que chega!
« Lá vem, lá vem o heróe! e caixa d'oculos! »

Com effeito era o PENCA : nesse instante,
Não pensando talvez em gloria tanta,
Já na boca da rua apparecia,
Da parte opposta ao lameirão profundo.
Elle, que obrigar quiz outr'ora os servos
Ao uso, no palacio, de ca-aca,
Vinha trajando então, modestamente,
De panno escuro paletó curtinho,
Que não muito das nadegas sobrava ;
Desbotada calcinha de brim pardo
Do tornozelo acima, chapéo preto,
Collete assim tambem, lenço ao pescoço,
A que cercavão collarinhos grandes
Pelo trazeiro lado até a nuca ;
E sapatões calçando. Os infalliveis
Oc'los de côr trazia equilibrados
Do narigão tremendo sobre a ponta,
Quasi a um palmo do rosto (que assim tudo
Sem que o percebão disfarçado bispa).
Montava arripiado e triste burro,
Falto de carnes, mas de orelhas rico,
Que, máo grado uns tres annos de carroça,
Máo grado o páo do ilhéo, e desde mezes
'Star de PENCA ao serviço, nunca pôde

Formar-se em cousa alguma neste mundo :
Era ao demais teimoso e espantadiço,
Ao contrario do dono, mui sizudo,
Mas arteiro como elle em gráo subido.
O heróe, que assás lhe conhecia as manhas ,
Da tão p'rigosa e unica vereda
Por onde ao *paço do ouro*, desse lado,
Dirigir-se podia, já por cima
Com cautela o guiava : alvoroçada
Ao seu encontro a multidão se arroja ,
De novo ao céo mandando immensos vivas,
P'ra trazê-lo em triumpho: das janellas,
Do alto dos telhados, com seus lenços,
Bengalas e chapéos acenão todos.
Ao estampido do geral applauso,
Entezando as orelhas pára o burro,
E mesmo em cima do caminho estreito
Começa a recuar como um tratante.

Assustado com isto, olhando á frente
Tão grande ajuntamento o caixa d'oculos
Só então vê, e satisfeito brada,
Pois que de prompto com a causa atina :
« Obrigado, meu povo ! mas sentido,
« Que a montaria de espantar-se é facil ;
« Apear-me vou já, vou ter comvosco. »

Mas o povo, que á redea quer leva-lo
Do *paço* até á porta, mal soffrido

Em peso corre ao perigoso trilho.
Veda-lhe o intento o atoleiro immundo :
No entanto um machacaz, que estava adiante,
Ao trilho se arremeça, e a mão erguendo
Vai o burro pegar, qu'inda recúa.....:
Nisto com grande estouro em frente ao *paço*
Traques da China e bombas arreventão,
Que á mais proxima loja a molecada
Tinha ido comprar para o festejo.
Espantado o sendeiro, sobre as ancas
De repente se empina: o caixa d'oculos,
P'ra não cahir, já pallido, medroso,
Se lhe agarra ao pescoço: a turba-multa
De o socorrer debalde busca um meio,
Clamando afflicta: « Senhor PENCA, á unha!..
« Agarre-se ao rabixo!... espere um pouco!... »
Porém neste conflicto a molecada,
Sem o perigo calcular, ás vaias
Propensa quasi sempre ao ver taes casos,
De assobios desanda-lhe uma roda.
Perde de todo o burro a tramontana;
E dando emfim tremendo e grande salto,
Arroja furioso, ó dôr! na lama,
Mesmo de ventas, com o heróe famoso,
Para casa largando-se a galope!
Cahiu em regra o sabio, dando um berro,
E sumiu-se do povo logo ás vistas.

Do desastre fatal no mesmo instante
Voz, que parece humana, e qu'entre os brados
Distinctamente se ouve, ao sestro lado

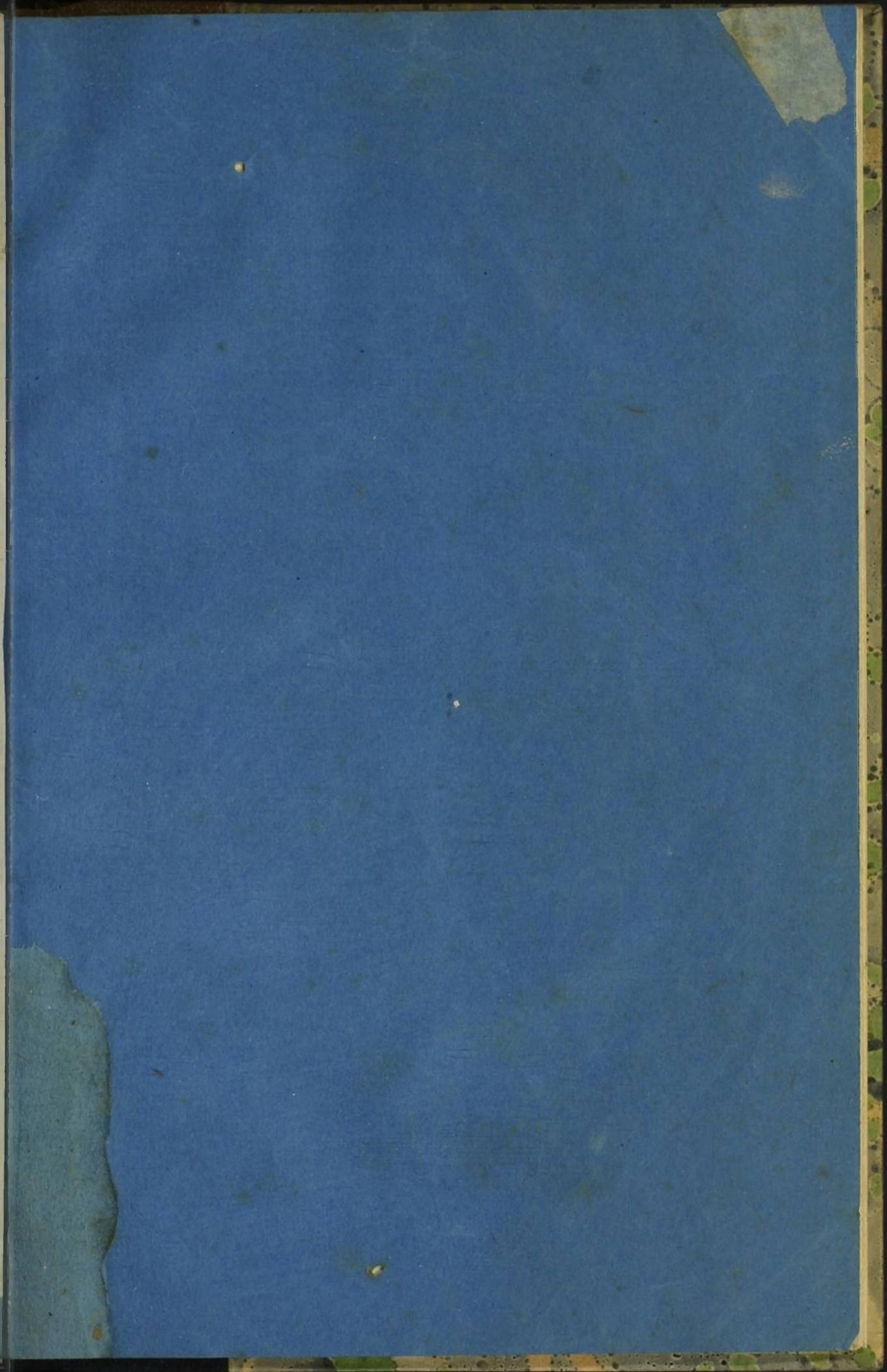
Angustiada clama — *Arára! arára!*
Os olhos todos para o céu levantão
E veem (que maravilha!) enorme arára
Com impeto sahir de negra nuvem....
Baixando á terra em direitura ao lodo,
Tres vezes nelle mergulhou, no ponto
Aonde o heróe cahiu, mas sem pesca-lo!
Admirava o povo este prodigio
Em completa mudez, attento, ancioso;
Quando os moleques subito o silencio
Rompem com gritos, que o terror espalhão
Em debandada pondo a gente fraca:
« E' o diabo! a elle! eis o tinhoso!.... »
E promptamente de cacetes se armão,
E de pedras tambem, que a um tempo todos
Arremettem, crueis! á pobre arára!!....
Deste chuveiro immenso de projectis
Dous as azas certos lhe espedação,
Outro em cacos lhe faz o pé direito!....
E, com vida arrancado após do charco,
A páo, do financeiro acaba o genio!!

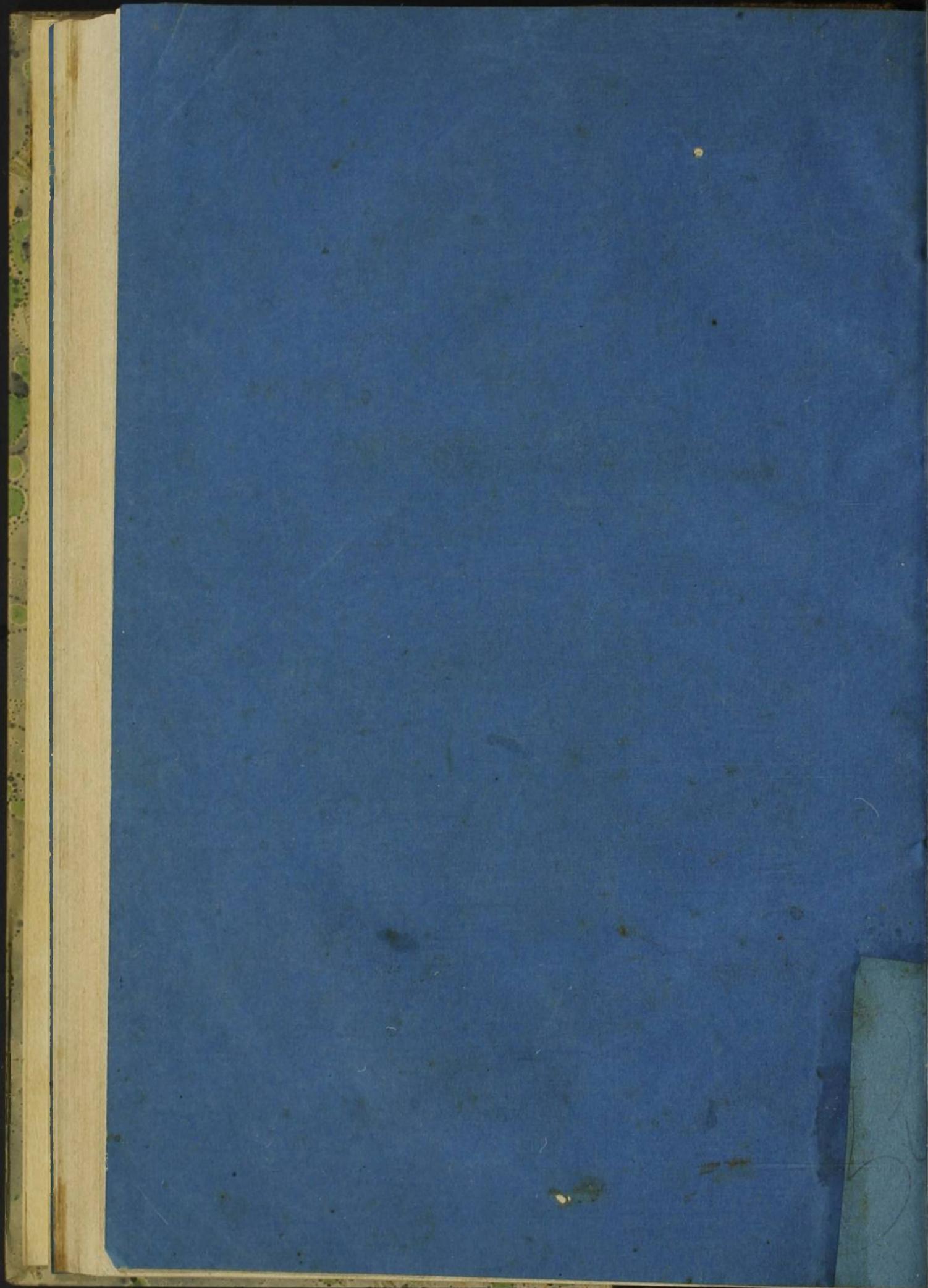
Emquanto por tal modo procedia
A corja infame dos brutos moleques,
O corpo do heróe das aguas putridas
Almas piedosas extrahir procurão....
Ai! de balde se esforço!! não conseguem!....
Que triste condição da humana especie!....
Que successo fatal!.... O grande sabio,
A quem deve o Brasil o seu progresso,
Que as rendas lhe augmentou pelos recursos

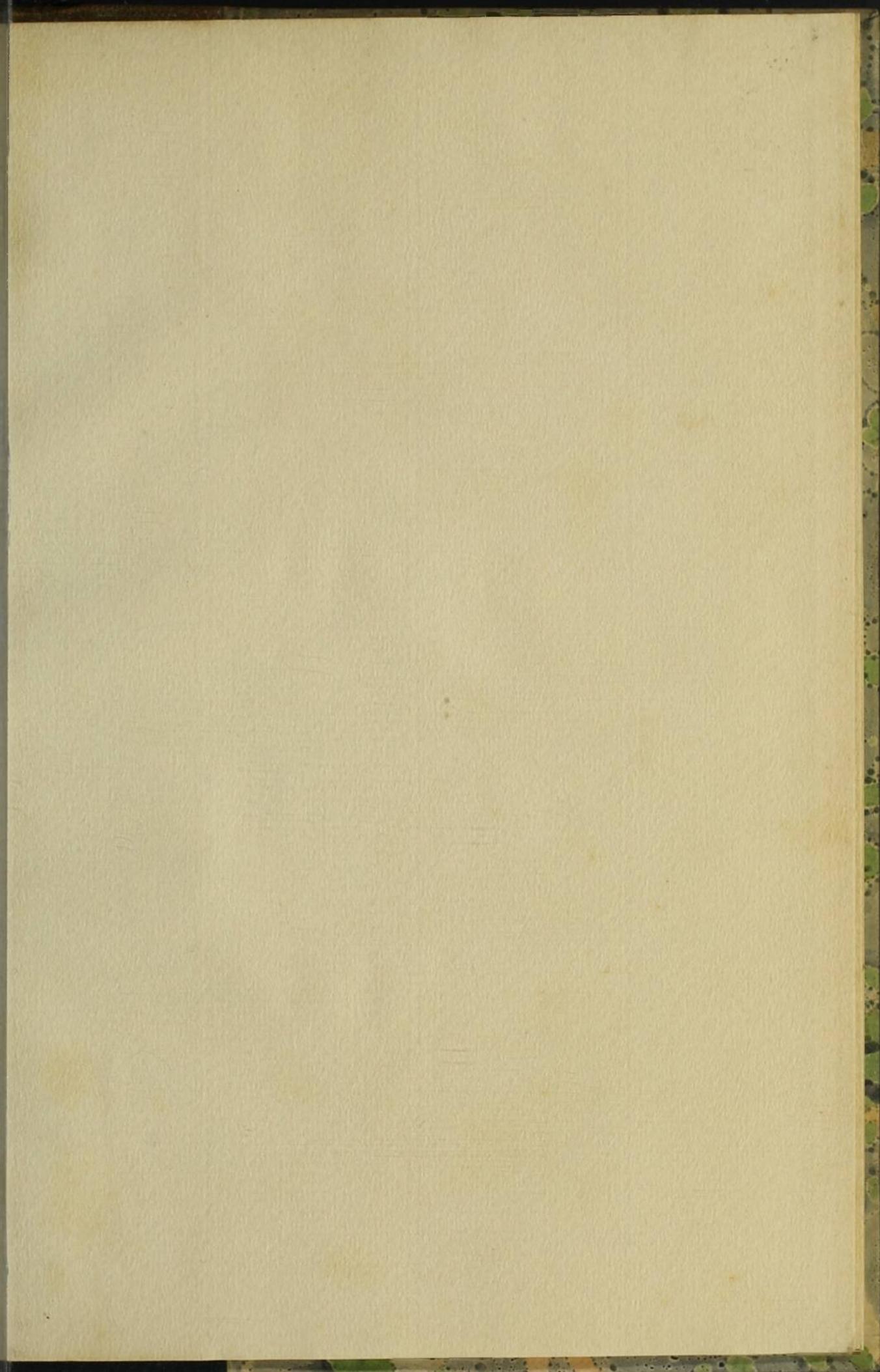
Tão efficazes que aprendeu na lua,
O mais que todos cidadão *querido*,
O illustre PENCA emfim, do mundo a esp'rança!
Na hora do triumpho magestoso,
Que a mais brilhante idéa lhe alcançava,
A dos chapéos — sublime — alta medida,
Ao barulho de traques e asscbios,
Para não mais se erguer — cahiu na lama!

FINI.









375

